

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Nuncia Gabriele Guimarães Escobar

**MEMORICÍDIO, GENOCÍDIO E RESISTÊNCIA:  
A TRAJETÓRIA DE M.I.A E O Y DA ENCRUZILHADA**

Santa Maria, RS  
2022

**Nuncia Gabriele Guimarães Escobar**

**MEMORICÍDIO, GENOCÍDIO E RESISTÊNCIA:  
A TRAJETÓRIA DE M.I.A E O Y DA ENCRUZILHADA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariana Selister Gomes

Santa Maria, RS  
2022

Escobar, Nuncia Gabriele Guimarães  
MEMORICÍDIO, GENOCÍDIO E RESISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE  
M.I.A E O Y DA ENCRUZILHADA / Nuncia Gabriele Guimarães  
Escobar.- 2022.  
110 p.; 30 cm

Orientadora: Mariana Selister Gomes  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2022

1. Colonialidade 2. Memoricídio 3. Genocídio 4. Racismo  
5. Resistência I. Gomes, Mariana Selister II. Título.

**Nuncia Gabriele Guimarães Escobar**

**MEMORICÍDIO, GENOCÍDIO E RESISTÊNCIA:  
A TRAJETÓRIA DE M.I.A E O Y DA ENCRUZILHADA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

**Aprovado em 27 de junho de 2022:**

*Mariana Selister Gomes*

---

**Mariana Selister Gomes, Dra. (UFSM)**

(Presidente/Orientadora)



---

**Deivison Mendes Faustino, Dr. (UNIFESP)**

*Giane Vargas Escobar*

---

**Giane Vargas, Dra. (UNIPAMPA/UFSM)**

## DEDICATÓRIA

*Dedicado às minhas origens: Maria de Lourdes e José Odilon, lembrança de filha que foi motivada e fortalecida para a conclusão deste trabalho.*

*Às pessoas de luta: lembrança de pesquisadora que almeja a libertação dos povos da América Latina, da África e da Ásia.*

*Especialmente em homenagem ao Mia, interlocutor querido, fiel combatente da luta antirracista e do real corre da rua.*

Esta dissertação foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) que concedeu bolsa de financiamento para a pesquisa.

## EPÍGRAFE

*Treze de maio traição,  
liberdade sem asas  
e fome sem pão  
Liberdade de asas quebradas  
como  
..... este verso.  
Liberdade asa sem corpo:  
sufoca no ar,  
se afoga no mar.  
Treze de maio – já dia 14  
o Y da encruzilhada:  
seguir  
banzar  
voltar?*

*(Oliveira Silveira)*

## RESUMO

### MEMORICÍDIO, GENOCÍDIO E RESISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE M.I.A E O Y DA ENCRUZILHADA

AUTORA: Nuncia Gabriele Guimarães Escobar  
ORIENTADORA: Mariana Selister Gomes

Na pesquisa ora apresentada buscamos compreender e explicar, através das metodologias Estudo de Caso e Análise de Trajetória, a forma como Memoricídio, Genocídio e Resistência se articulam e se relacionam com a Colonialidade. O caso estudado parte de intervenções em patrimônios culturais, mas se alastra para além dos âmbitos da cultura, ou seja, reflete as determinações econômicas, uma vez que processos histórico-estruturais do colonialismo deixaram legados imperialistas nos imaginários sociais, mas também são responsáveis pelas dinâmicas de superexploração, subdesenvolvimento e desigualdade. Apoiamo-nos num arcabouço teórico advindo dos Estudos Culturais, da Análise do Sistema-Mundo e da Teoria Marxista da Dependência para contextualizar a colonialidade global e adentrar em casos específicos da colonialidade local que exemplificam a forma que a aniquilação de memórias e saberes não-brancos corrobora, intrinsecamente, para o assassinato eminente de corpos indígenas e negros. Sendo assim, realizamos o esforço de buscar os elementos que explicitam a relação dialética e indissociável entre Memoricídio – a partir das disputas no âmbito simbólico, principalmente no que tange os Patrimônios Culturais Coloniais – e Genocídio – a partir da concretude dos fatos acerca de quem morre e quem mata, debate levantado mundialmente com o movimento Black Lives Matter – tal como são regidos no sistema-mundo colonial/necrocapitalista. Nesta perspectiva, o percurso teórico desconstrói os dilemas fictícios e binários entre Simbólico e Material, entre Cultura e Economia, para concluir, no campo empírico, que nada é estritamente cultural nem rigorosamente econômico, a colonialidade está na encruzilhada. Os impactos da Resistência, sobretudo no contexto de luta contra o racismo, na cidade de São Paulo, mostram isto. Nosso interlocutor principal é o artista, pixador e militante M.I.A que, tanto em ações coletivas nos movimentos quanto em sua trajetória pessoal, contempla os âmbitos do Memoricídio (monumentos, museus e arte de rua) e da Necropolítica (fome, brutalidade policial, genocídio).

**Palavras-chave:** Colonialidade. Memoricídio. Genocídio. Racismo. Resistência.



## ABSTRACT

### MEMORICIDE, GENOCIDE AND RESISTANCE: THE TRAJECTORY OF M.I.A AND THE Y OF THE CROSSROADS

AUTORA: Nuncia Gabriele Guimarães Escobar

ORIENTADORA: Mariana Selister Gomes

In the research presented here, we seek to understand and explain, through the Case Study and Trajectory Analysis methodologies, the way in which Memoricide, Genocide and Resistance are articulated and related to Coloniality. The case studied starts from interventions in cultural heritage, but spreads beyond the spheres of culture, that is, it reflects the economic determinations, since the historical-structural processes of colonialism left imperialist legacies in the social imaginaries, but they are also responsible for the dynamics of overexploitation, underdevelopment and inequality. We rely on a theoretical framework derived from Cultural Studies, World-System Analysis and the Marxist Dependency Theory to contextualize global coloniality and delve into specific cases of local coloniality that exemplify the way in which the annihilation of non-white memories and knowledge intrinsically corroborates the imminent murder of indigenous and black bodies. Therefore, we made the effort to seek the elements that explain the dialectical and inseparable relationship between Memoricide - from the disputes in the symbolic scope, mainly with regard to Colonial Cultural Heritage - and Genocide - from the concreteness of the facts about who dies and who kills, a debate raised worldwide with the Black Lives Matter movement - as they are governed by the colonial/necrocapitalist world-system. In this perspective, the theoretical path deconstructs the fictitious and binary dilemmas between Symbolic and Material, between Culture and Economy, to conclude, in the empirical field, that nothing is strictly cultural or strictly economic, coloniality is at the crossroads. The impacts of the Resistance, especially in the context of the fight against racism, in the city of São Paulo, show this. Our main interlocutor is the artist, pixador and militant M.I.A who, both in collective actions in the movements and in his personal trajectory, contemplates the scopes of Memoricide (monuments, museums and street art) and Necropolitics (hunger, police brutality, genocide).

**Keywords:** Coloniality. Memoricide. Genocide. Racism. Resistance.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Ilustração 1 – Colagem digital “O Y da Encruzilhada: entre Memorícídio, Genocídio e Resistência” .....	16
Ilustração 2 – Ações do Coletivo Nós por Nós em setembro de 2021.....	83

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Cronopolítica dos acontecimentos .....	60
---	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Black Lives Matter nas buscas da web no Brasil.....	46
Figura 2 – #MarchOnRhodes.....	50
Figura 3 – Dia da derrubada #MarchOnRhodes.....	51
Figura 4 – Bandeira do povo originário mapuche ao topo de um patrimônio colonial.....	52
Figura 5 – Pixo Pátio do Colégio em São Paulo.....	53
Figura 6 – Pixo Panteão Militar no Rio de Janeiro.....	54
Figura 7 – Captura da tela de comentários I.....	55
Figura 8 – Captura da tela de comentários II.....	55
Figura 9 – Estátua Borba Gato incendiada.....	58
Figura 10 – M.I.A segurando mapa de metrô escrito “Negro SP” .....	69
Figura 11 – Postagem “Distanciamento social sempre existiu. Bem vindos ao Brasil...”.74	
Figura 12 – Theatro Municipal de São Paulo no 20 de novembro de 2021.....	77
Figura 13 – Vidas Pretas Importam na Avenida Paulista.....	85
Figura 14 – Ação Policial na Cracolândia em SP em 2022.....	89
Figura 15 – Ato no centro de São Paulo com pixo high tech .....	92

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
COLONIALISMO QUE PASSA, COLONIALIDADE QUE FICA	10
CAPÍTULO I	17
ESTUDOS CULTURAIS	17
MEMORICÍDIO	28
GENOCÍDIO	32
SISTEMA-MUNDO COLONIAL	36
CAPÍTULO II	45
BLACK LIVES MATTER	45
O PASSADO-PRESENTE DA ALIENAÇÃO COLONIAL	60
CAPÍTULO III	67
RESISTÊNCIA: CORPO-TERRITÓRIO ANTICOLONIAL	67
SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 2021, ENTREVISTA COM M.I.A	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	100

## INTRODUÇÃO

### COLONIALISMO QUE PASSA, COLONIALIDADE QUE FICA

A colonização foi um processo histórico de invasão e exploração territorial. A Colonialidade é a consequência disto, ou seja, a forma de expressão contemporânea de seu legado. A racialização, mecanismo fundamental da Colonialidade, corresponde aos discursos coloniais corporificados a partir da ideia de raça, seus impactos se dão tanto na materialidade das estruturas sociais, quanto no simbólico das subjetividades. O colonialismo e a colonialidade são objetivos e subjetivos ao mesmo tempo. Por conseguinte, as mazelas deixadas pelo sistema imperialista em seus massacres assolam povos que são marginalizados e perseguidos ainda hoje, como é o caso observado no Brasil através dos índices sobre as condições de vida da população negra e indígena (CORDEIRO; OLIVEIRA; VICENTINI, 2020).

O debate em torno dos patrimônios culturais coloniais e dos assassinatos em massa da população negra ganhou repercussão mundial em plena pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021, com direito a manifestações contra brutalidade policial, derrocada de estátuas, revolta contra os imaginários sociais hegemônicos e insatisfação com as injustiças desenfreadas em prol do capital – a partir do assassinato de George Floyd por um policial branco nos Estados Unidos da América. A crise sanitária e econômica é global. O funcionamento da geopolítica privilegia, obviamente, a atenção sobre Estados Unidos e Europa, contudo, há de se evidenciar que as lutas por descolonização do universo simbólico e pela valorização das vidas negras e indígenas estão intensamente organizadas, há muito tempo, tanto em América Latina quanto em África.

No Brasil, a força brutal da Colonialidade é responsável pela manutenção de patrimônios culturais eurocêntricos e racistas – a exemplo de senzalas, pelourinhos, igrejas e casas grandes – que configuram espaços coloniais, geralmente celebrados como atrativos turísticos, de modo atenuante a um período de violência de catequização e escravidão<sup>1</sup>. Logo, a maneira fantasiosa e romântica que a memória de tragédia e barbárie

---

<sup>1</sup> No projeto de pesquisa: Narrativas Patrimoniais e Turísticas em Cidades Históricas: (des)(re)construções do luso-tropicalismo no Brasil e em Portugal, financiado pelo CNPq e coordenado pela professora Mariana, realizamos contribuições acerca deste tema desde 2014. No TCC, em 2019, nos dedicamos à questão sobre os discursos coloniais emitidos em duas fazendas históricas situadas na Rota das Charqueadas, tombadas como patrimônio cultural, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, este trabalho refletiu sobre Raça, Memória e Poder (ESCOBAR, 2019) e abriu caminhos para os questionamentos do projeto desta dissertação. Estas mesmas preocupações investigativas levaram à publicação do artigo “Colonialismo que passa, Colonialidade que fica: lutas anticoloniais brasileiras em torno da memória” (ESCOBAR; GOMES,

colonial é disseminada está abrigada em silêncios, fragmentos e violência simbólica (BORDIEU, 2004). No aspecto econômico, a Colonialidade concerne a desigualdade de classes sociais pela Divisão Racial e Internacional do Trabalho, marcada por relações assimétricas entre economias do centro e periféricas, dentro disso a hierarquização racial e de gênero também configuram uma herança imperialista-colonial, observada no Brasil, como argumenta Lélia Gonzalez (2018, p. 17), a partir do processo de marginalização das massas: negras, pobres e condenadas pelo machismo, em território colonizado.

No primeiro capítulo desta dissertação nos apropriamos da teoria elaborada por Frantz Fanon para estabelecermos um diálogo com os Estudos Culturais, nesta parte o foco está na apreensão dos elementos sobre o Memoricídio. Adiante, o capítulo teórico usa da teoria fanoniana em conjunto com a Teoria do Sistema-Mundo, bem como, com a Teoria Marxista da Dependência para traçar a relação com a Necropolítica. O percurso teórico tematizado neste trabalho, ao explicitar os aspectos simbólico-materiais em torno da colonialidade, se depara com as seguintes dicotomias: Subjetivo versus Objetivo; Agência versus Estrutura; Cultura versus Economia. Reconhecemos que, à primeira vista, a mistura teórica pode causar um estranhamento, no entanto, elaboramos as diferenças ao longo dos capítulos teóricos, explicando a linha de raciocínio utilizada para que ambos caminhos se conectem e se comprovem no campo empírico.

No segundo capítulo apresentamos uma contextualização do debate com dados secundários que ilustram o impacto do Movimento Black Lives Matter na discussão sobre Memória, Monumentos, Museus e Patrimônios – no âmbito dos aspectos culturais (morte simbólica) –, também agregando contribuições ao debate sobre Genocídio, Violência Policial, Desigualdade Racial e de Classe – configurando os aspectos econômicos (morte concreta). Além de mencionar casos que antecederam a explosão do movimento em 2020, apresentamos um quadro cronopolítico que auxilia a compreensão do papel dos movimentos sociais e das lutas por Resistência.

Almejamos a produção de um conhecimento situado que possa contribuir ao legado teórico-político das Ciências Sociais, neste sentido, a Epistemologia Feminista Negra e do Sul Global auxilia no entrelaçamento estratégico entre pesquisa acadêmica e práxis política. Florestan Fernandes (1975) atenta para o fato que, por mais que a ideologia burguesa pregue uma neutralidade intelectual, não há neutralidade possível em uma sociedade dividida entre exploradores [colonizadores, imperialistas, capitalistas] e

---

2021), publicado no Dossiê do XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra, pela Revista África e Africanidades, trabalho produzido durante o mestrado.

explorados [colonizados, dominados, condenados]. Logo, compreendemos a motivação pessoal deste trabalho inscrita no plano individual, mas com compromisso coletivo e, acima de tudo, político.

Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo ético-cultural a que pertencço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. (NASCIMENTO, 2016)

Uma vez que “alguém escreve para tratar de responder as perguntas que zumbem na cabeça, moscas tenazes que perturbam o sono” e que “o que alguém escreve logra um sentido coletivo quando de algum modo coincide com a necessidade social de resposta” (GALEANO, 2010, p. 370), esta pesquisa possui objetivo geral e objetivos específicos associados, elencados a seguir:

- a) Objetivo geral: compreender a forma que a Colonialidade se manifesta a partir do Memoricídio e do Genocídio, estabelecendo uma relação entre aspectos simbólicos e materiais, retratados através da cultura e da economia, tal como analisar a Resistência anticolonial em torno do imaginário imperialista e da necropolítica racista em uma perspectiva global – contextualizando o Movimento Black Lives Matter –, mas com enfoque nas ações de movimentos sociais do Brasil, mais precisamente na cidade de São Paulo, local da pesquisa de campo, realizada em pleno Novembro Negro de 2021, com o artista de rua e militante MIA.
- b) Específicos:
  - Amparando-nos nas teorias dos Estudos Culturais, Teoria do Sistema-Mundo e Teoria Marxista da Dependência, estabelecer um diálogo entre os conceitos Memoricídio e Genocídio para entender como operam concretamente;
  - Contextualizar a repercussão mundial do movimento estadunidense *Black Lives Matter*, desde o assassinato de George Floyd até a derrocada de símbolos culturais coloniais em cidades do norte e do sul global.
  - Apresentar um panorama geral que explique a forma que o tema tem sido visto globalmente, unindo o assassinato de memórias não-brancas e os assassinatos em massa de corpos marginalizados.

- Compreender as formas de Resistência anticolonial que emergem em São Paulo, por meio de dados primários, com foco nas lutas sociais negras. O debate conta com a participação de interlocutor que liga os dois mundos, cultural e econômico, em sua tática de resistência.
- Contribuir com uma reflexão crítica da realidade brasileira, especialmente no que tange o Genocídio e o Memoricídio da população negra e dos povos indígenas, valorizando os movimentos de resistência.

Surge, dos objetivos acima, o seguinte questionamento: como o memoricídio e demais violências simbólicas do racismo, supostamente, ligados à aspectos estritamente culturais, corresponde e afeta o genocídio de corpos negros e indígenas, geralmente relacionado à aspectos precisamente econômicos? Neste sentido, a forma que as resistências eclodem auxiliam na demonstração de que, sim, existe uma relação entre Necropolítica e Memoricídio? Como afirma Marx (2008, p. 1080) “toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas”. A hipótese central é a explicitação de uma relação indissociável entre Memoricídio e Genocídio, através do cruzamento de teorias e dados, bem como, a confirmação que tanto o reducionismo cultural quanto o determinismo econômico polarizam o debate e atrasam possíveis avanços nas explicações da realidade social.

Em termos metodológicos, a abordagem, quanto ao procedimento científico, se inspira no Materialismo Histórico Dialético. Desta forma, partimos de um problema social, concreto, material (o movimento Black Lives Matter), para buscar argumentação teórica e histórica (sobre Colonialidade, Memória, Cultura, Poder, Genocídio, Sistema-mundo Colonial e Capitalista) e dados empíricos para a análise do real (Estudo de Caso em São Paulo), buscando reflexões críticas com objetivo de contribuir para a própria transformação social concreta, que está em constante movimento.

Para Marx [...] o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O papel do sujeito é fundamental no processo de pesquisa. (NETTO, 2011, p. 25)

O presente estudo configura uma pesquisa alinhada ao método qualitativo, quanto ao tipo de pesquisa. Já referente ao tipo de conhecimento produzido: trata-se de um



trabalho explicativo e compreensivo. A pesquisa é operacionalizada de acordo com as metodologias: Estudo de Caso (YIN, 2005) e Análise de Trajetória (MONTAGNER, 2007), esta última com aprofundamento no diálogo com a metodologia História de Vida (LAKATOS, 2003; SEVERINO, 2013). Obtivemos auxílio das seguintes técnicas de pesquisa: pesquisa bibliográfica, pesquisa exploratória, pesquisa de campo e entrevista em profundidade (GUERRA, 2006). Os instrumentos utilizados são: diário de campo, guia de observação, roteiro de questões e aparelhos eletrônicos de acesso à internet, câmera e gravação de voz.

A ciência social trata de problemas de biografia, de história e de seus contatos dentro das estruturas sociais. São estes os três – biografia, história e sociedade – pontos coordenados do estudo adequado do homem (...). Os problemas de nosso tempo – que incluem o problema da natureza mesma do homem – não podem ser formulados adequadamente sem aceitarmos na prática a opinião de que a história é a medula do estudo social, e reconhecermos a necessidade de desenvolver mais uma psicologia do homem que seja sociologicamente fundamentada e historicamente relevante. Sem o uso da história e sem o sentido histórico das questões psicológicas, o cientista social não pode, adequadamente, formular os tipos de problemas que devem ser, agora, os pontos cardeais de seus estudos. (MILLS, 1969)

A metodologia Estudo de Caso configura “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p. 32). O método é aplicado com certa regularidade nas investigações científicas de diferentes áreas das ciências sociais e humanas e, do mesmo modo, é consolidado nas ciências da saúde. Este método pode ser aplicado em estudos qualitativos ou quantitativos, pois permite a utilização de diversas técnicas para coleta de dados, possibilitando comparações, reflexões e discussões profundas acerca dos fenômenos sociais analisados. Os estudos de caso podem ser classificados como: estudo de caso único ou estudo de casos múltiplos, sendo este último o tipo que utilizamos neste trabalho.

É preciso compreender que o estudo de caso e suas variantes, a exemplo do estudo de casos múltiplos, ainda é difícil de realizar, exigindo preparo direcionado de quem se propõe a efetuar-lo. Parece evidente que o desafio para levá-lo a efeito com qualidade exige, para ficar apenas em dois exemplos: 1) em primeiro lugar, reconhecer que é mesmo um expressivo desafio praticá-lo em todas as suas potencialidades; 2) em segundo lugar, admitir o já conhecido valor de sua aplicação em investigações de alta complexidade (VASCONCELOS, 2016, p. 36)

O roteiro de dissertação está organizado em três capítulos: no primeiro há uma apresentação do campo teórico, com os princípios epistemológicos, axiológicos e ontológicos da pesquisa; o segundo capítulo apresentará a pesquisa exploratória, aprofundando a contextualização do tema de pesquisa, bem como, pretendemos expor e discutir alguns dados secundários; o terceiro capítulo trará a análise detalhada dos dados coletados em entrevistas e durante a pesquisa de campo. Por fim, as considerações finais corresponderão a uma apresentação geral dos principais argumentos que construíram esta dissertação como um todo, contendo a conclusão acerca da afirmação ou refutação da hipótese inicial.

“Assim como somos mais brasileiros consumindo Guaraná ao invés de Coca-Cola, tecidos Bangu ao invés de tecidos ingleses, devemos produzir e consumir a nossa sociologia ao invés de consumir a dos outros” (RAMOS, 1995, p. 19).

Memoricídio, Genocídio e Resistência correspondem à encruzilhada na qual a trajetória de MIA está localizada. O debate em torno dos discursos-símbolos e do material-concreto está presente tanto em suas intervenções artísticas, como nas ações de solidariedade junto a coletivos e organizações políticas, como na vivência na cracolândia. A colagem abaixo, feita pela artista visual Rusha exclusivamente para esta pesquisa, apresenta um verso do poema de Oliveira Silveira junto a algumas intervenções de MIA.

Ilustração 1 – Colagem digital “O Y da Encruzilhada: entre Memorícídio, Genocídio e Resistência”



Fonte: RUSHA, 2022.

## CAPÍTULO I

### ESTUDOS CULTURAIS

O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural. Escrever, é escrever contra.

(Silviano Santiago)

As reflexões elaboradas por meio dos Estudos Culturais demonstram que Cultura e Poder são indissociáveis: “a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna” (HALL, 1997, p. 17), logo, esta teoria crítica sobre as dinâmicas da sociedade é fundamental para a compreensão das complexas práticas discursivas (FOUCAULT, 1985; 2008) na contemporaneidade, sobretudo aquelas repletas de colonização. Neste capítulo, pretendemos articular um diálogo entre premissas teóricas advindas de produções acadêmicas distintas, pertencentes aos Estudos Culturais, tendo os autores a seguir como enfoque principal: Stuart Hall, Paul Gilroy, Edward Said e Frantz Fanon, contudo, apropriando-nos de outras contribuições igualmente relevantes para a discussão.

De acordo com Stuart Hall (1980) os Estudos Culturais não configuram uma disciplina, mas sim uma área, a qual diferentes disciplinas interagem. Desta forma, há um caráter interdisciplinar nesta abordagem que confere à análise dos resquícios do colonialismo os efeitos de dominação e exploração em diversas esferas dos aspectos culturais. No entanto, há de se destacar que nem toda pesquisa sobre cultura, necessariamente, se encaixa aos Estudos Culturais, visto que há um denso debate epistêmico no sentido de refutar reducionismos e simplificações inadequadas na utilização desta abordagem.

As discussões elaboradas acerca de raça e colonialismo, juntamente com a crítica ao eurocentrismo, compõem o eixo central do arcabouço teórico de Stuart Hall. A cultura é compartilhada e carregada por representações, a narrativa corresponde ao elemento central. Sendo assim, como se dá a construção de narrativas e de que maneiras são disseminadas configura o caráter mobilizador de análise nos Estudos Culturais. A questão da representação tem notável importância (HALL, 2012) pois a forma como representamos tal coisa é o que atribui significado a ela, ou seja, existe um processo de significação e uma estrutura de interpretação que possui na linguagem uma importante ferramenta na atribuição de sentidos. Esses sentidos só podem ser compartilhados através

do acesso aos recursos dos discursos e seus sistemas de representações. Por isso, nas palavras do autor: “não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural” (Idem, 1997, p. 20).

O sociólogo Daniel Mato investiga a recepção da obra de Stuart Hall na América Latina e declara que, ao longo do tempo, as contribuições feitas por Hall, sobretudo na articulação com os movimentos anticoloniais, foram incorporadas expressivamente pelas redes latino-americanas. No entanto, Mato constata que isto não se deu de forma passiva, mas criticamente, pois, mesmo os/as autores/as que recusam o rótulo dos Estudos Culturais, ou que atribuem observações críticas às ideias de Hall, defendem e reconhecem a importância de seu trabalho. O autor também salienta a complexidade do processo de assimilação e apropriação, dado que se trata de um vasto território: “América Latina se refere a uma região geográfica que compreende mais de 20 países, cada um com uma história social e política específica, sistemas universitários distintos e tradições intelectuais diversas” (MATO, 2015, p.48).

Acerca dos Estudos Culturais desde a América Latina (não latino-americanos), Eduardo Restrepo estabelece um debate sobre a crítica do essencialismo por vezes contido no termo “latino-americano”, por vezes concebido como algo absoluto, neutro e sem conflitos (RESTREPO, 2015, p. 24). De um modo geral, esta definição limitante parte de uma perspectiva estadunidense ou europeia, assim, o autor defende que é preciso questionar firmemente essa imagem de controle, fomentada pela geopolítica do conhecimento, que impede os intercâmbios intelectuais e novas movimentações tanto no conhecimento científico quanto nos projetos políticos. Desta forma, subscrevemos a ideia abaixo:

Não proponho adotar uma posição essencialista, isolacionista, nem folclorizante. Não, não se trata disso. Ao contrário, proponho uma posição aberta, de diálogo e intercâmbios transnacionais. Proponho um olhar para o processo de institucionalização dos Cultural Studies que se fazem em inglês não com vocação de autossubordinação, e sim com consciência de contexto, de diferença, de relações de poder, com atitude crítica e olhar transdisciplinar (MATO, 2002, p. 41)

Visto isso, acreditamos que os Estudos Culturais são localizados e corporificados, bem no sentido de um Conhecimento Situado tal qual pontua Donna Haraway (2009), evidentemente: todo fato de pesquisa traz consigo as impressões da comunidade científica

que o produziu (LOWY, 2000). Acerca disso, a expressão Corpo-Política do Conhecimento diz respeito ao lugar epistêmico [geopolítico] e ao sujeito [corpo-político] enunciador que por vezes é apagado ou desvinculado da análise, além disso, a neutralidade e a objetividade não-situadas, amplamente difundidas como universalmente verdadeiras, configuram um mito ocidental e correspondem às estruturas de poder do conhecimento colonial (GROSFOGUEL, 2008, p. 119).

Tendo em vista teorias localizadas, os estudos diaspóricos do Atlântico Negro, desenvolvidos de forma contundente por Paul Gilroy (2017), impulsionam a compreensão da relação constituída entre Europa, África e Américas, com foco nas relações internacionais, transnacionais e interculturais, acerca das rotas – ao invés de raízes – para teorizar sobre identidades culturais, tendo a movimentação marítima como um importante canal de comunicação e surgimento de culturas híbridas e heterogêneas. Ao se debruçar sobre deslocamentos culturais e construção de identidade, Gilroy estabelece, através do conceito de racialização, como os elementos culturais, especialmente aqueles atribuídos para a população negra, são construídos de forma que articulam para além de aspectos nacionais de pertencimento, neste caso, através do compartilhamento disseminado pelas rotas que emergem de diferentes localidades.

As identidades culturais, para Gilroy (2011), são indissociáveis da experiência de terror racial difundida na escravidão. A dupla consciência é causada a partir das experiências de “entre-lugar”, seja pela identificação com a ideia de raça e opressão, seja pela identificação com o tempo – a modernidade – via valores construídos pela colonização e fortalecidos pela colonialidade. Desta forma, a população negra é envolta por algo amplo que transcende em implicações sociopolíticas e culturais: desenraizamento, deslocamento, encantamento e estranhamento, aspectos pertencentes à mobilidade e intercâmbio da diáspora. A perspectiva diaspórica possibilita, então: “relacionar, senão combinar e unificar, as experiências modernas das comunidades e interesses negros em várias partes do mundo” (GILROY, 1992), logo, contrapõe as perspectivas que defendem um retorno à uma africanidade essencialista, elaborando contundente crítica ao que se denomina identidade absoluta:

Como uma alternativa à metafísica da “raça”, da nação e da cultura delimitada e codificada no corpo, a diáspora é um conceito que problematiza a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Ela perturba o poder fundamental do território na definição da identidade ao quebrar a sequência simples de elos explanatórios entre lugar, localização e consciência. (GILROY, 2007, p. 151)

O conceito de dupla consciência retomado por Gilroy, é cunhado inicialmente por William Edward Burghardt Du Bois que demonstra a forma que os símbolos atravessam as relações sociais, gerando constrangimentos de desigualdade racial: “É uma sensação peculiar, essa dupla consciência, esse sentido de sempre olhar a si próprio através dos olhos de outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena” [DU BOIS, 2004? p. 39], ou seja, a dupla consciência, dada pela cumplicidade entre terror e racionalidade na modernidade, pela proximidade com a morte vista como parte do “sublime escravo”, na relevância da corporeidade para a política negra, na não separação entre ética e estética, cultura e economia, entre tantas outras, são aspectos singulares da análise histórica da afro-diáspora que Paul Gilroy insistirá firmemente em *The Black Atlantic* (GONZAGA, 2020). É digno de destaque o caráter antiessencialista contido na visão de Gilroy:

O primeiro sentido conferido à noção de Atlântico Negro por Gilroy é de natureza empírico-descritiva e remete ao processo de difusão e reconstrução de uma cultura negra que acompanha o movimento da diáspora africana. Não se trata, contudo, de um projeto pan-africano que enfatizasse uma permanente volta às origens culturais da África. Ao contrário, Gilroy é crítico ao afro-centrismo e mostra que as manifestações culturais no âmbito do Atlântico Negro são sempre recombinações e reinvenções, articulações, cujo sentido político não se prende ao grau de fidelidade com que se busca reproduzir as origens comuns; o que importa são as possibilidades que surgem de produção de novas formas de comunicação e de compartilhamento intersubjetivo de experiências e das novas criações. Nesse sentido, a referência ao Atlântico Negro como expressão cultural da diáspora africana desafia as concepções puristas de uma identidade e uma cultura atemporais, produzidas e reproduzidas fora de contextos sociais efetivamente existentes. (COSTA, 2006, p. 116)

Stuart Hall e Paul Gilroy são dois expoentes dos estudos culturais que teorizam de forma crítica, embora se distanciem em alguns pontos, utilizando a perspectiva histórica para pensar sobre modernidade, colonialismo e racialização. De acordo com Gilroy (2001, p. 30): “a história do Atlântico negro fornece um vasto acervo de lições quanto à instabilidade e à mutação de identidades que estão sempre inacabadas, sempre sendo refeitas”. Para Hall (2013), o reducionismo econômico é um problema visível para a compreensão da dinâmica existente na sociedade acerca da cultura, sobretudo na teoria marxista. Acerca disso, cabe ressaltar que Gilroy é contra a redução da raça como um mero efeito de transformações econômicas, logo, para o autor, se faz necessário o restabelecimento da propriedade histórica da raça. Por isso: “se o pensamento marxista

pode ser descrito como tendo a classe em seu cerne, a teoria pós-colonial pode ser descrita como tendo-o na raça” (MIGNOLO, 2003).

Outro autor que conferiu pertinentes discussões aos Estudos Culturais foi Edward Said. A teoria crítica em sua visão pós-colonialista traça o vínculo entre imperialismo e cultura, no sentido de haver um domínio colonial legitimado na ordem discursiva da repressão imperialista. Em “Orientalismo” (1978) e em “Cultura e Imperialismo” (1993) há um amadurecimento das ideias do autor, que forma sua concepção acerca do imperialismo com alto teor de percepção das formas que mantêm as estruturas de autoridade e de hegemonia eurocêntrica. Seu trabalho auxilia na desconstrução da definição de “verdades” produzidas ocidentalmente, já que, imperialismo, segundo ele, é constitutivo do Ocidente moderno e impositor de uma divisão racial hierárquica e desumanizadora, através, principalmente, da cultura, ideologia, linguagem e simbólico.

[...] O orientalismo caracteriza, assim, um modo estabelecido e institucionalizado de produção de representações sobre uma determinada região do mundo, o qual se alimenta, se confirma e se atualiza por meio das próprias imagens e conhecimentos que (re)cria. O oriente do orientalismo, ainda que remeta, vagamente, a um lugar geográfico, expressa mais propriamente uma fronteira cultural e definidora de sentido entre um nós e um eles, no interior de uma relação que produz e reproduz o outro como inferior, ao mesmo tempo que permite definir o nós, o si mesmo, em oposição a este outro, ora representado como caricatura, ora como estereótipo, e sempre como uma síntese aglutinadora de tudo aquilo que o nós não é e nem quer ser.” (COSTA, 2006, p. 86)

Para Said (2011) a cultura designa práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação. Neste caso, não há como negar o papel da cultura como parte fundamental do projeto imperialista e de sua propaganda. É notável os mecanismos poderosos das narrativas frente a construção dos mundos subjetivos, assim, o autor estabelece que: mais importante que o próprio passado é a sua influência cultural no presente (SAID, 2011, p. 23). A noção do autor sobre narrativas transcende o campo do meramente textual que analisa, já que, de acordo com ele, as próprias nações são narrativas. A perspectiva histórica está presente em suas reflexões acerca do processo de dominação europeia sobre os não-europeus, os discursos preconceituosos difundidos assiduamente atuam na propagação de estereótipos e estigmas, alimentam o racismo eminente. Said, assim como Gilroy e Hall, problematiza a racialização em meios aos discursos de discriminação e de fixação de experiências pela ideia de raça, uma vez que, o não-europeu, a partir da visão pós-colonial, designa o “Outro”, aquele que é esquecido e que não é admitido (SAID, 2004).



O filósofo Valentin-Yves Mudimbe, em sua obra “A invenção da África: Gnose, Filosofia e a Ordem do conhecimento”, analisa as representações e os muitos discursos em torno de uma África imaginada e inventada (como o Oriente do orientalismo) advinda de ideias e abordagens coloniais. O autor identifica o que denomina como Episteme Colonial<sup>2</sup>, algo poderoso que não só parte de algo externo como também se impregna internamente, no próprio continente africano, fazendo com que discursos científicos irrealistas definam sua história, sua existência e sua cultura (MUDIMBE, 2013, p. 6).

A colonialidade do poder, de acordo com Quijano (2009), atua na imposição de lógicas subjetivas, coletivas, simbólicas e materiais que vão de encontro ao universo europeu, norte-americano, colonial, patriarcal e capitalista. Desta forma, percebo a relação saber-poder envolta por algo que Boaventura de Sousa Santos chamou de Epistemicídio:

O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista [...] e, também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral. (SANTOS, 1995, p. 328)

Embora os fortes meios de dominação social e exploração racial, em meio ao ódio generalizado de uma luta que tenciona levar a morte – psíquica, epistemológica, simbólica e/ou física –, não há impedimento para que óticas de resistência revolucionária se façam presentes, pelo contrário, é ponto recorrente das discussões elencadas até aqui. É a partir de Frantz Fanon que alega: “a vida é um combate interminável!” e “o colonizado pegou em armas não somente porque morria de fome e via a desagregação da sua sociedade, como porque era considerado e tratado pelo colono como um animal” (FANON, 1968, p. 114) que surgem parte significativa das reflexões levantadas no sentido de significar as disputas e materializar os confrontos. Este autor propõe contundente crítica ao examinar a estrutura colonial através de um olhar minucioso sobre as formas de violência e desumanização que produzem o colonizado como ser “condenado da terra” (FANON,

---

<sup>2</sup> O filósofo refere-se também à uma Biblioteca Colonial, designada como todo saber eurocêntrico que se impõe como regime da verdade através da primazia do Norte sobre o Sul Global.

1968). Através de um contradiscurso, a descolonização defendida pelo autor, seria algo que implica a anulação e reinvenção de um suposto “corpo-colonial” em sua efetiva humanidade.

Logo, não há como ignorar a situação da zona de um Não-ser causada pelos fatores coercitivos da racialização, sendo que: quem não é visto como sujeito, também não poderá ser visto como razão.

A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais. Não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. Faz tanto tempo... Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou. E muito menos aqueles a quem ela se destina. E então? Então, calmamente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já que o digo, vou tentar prová-lo. Em direção a um novo humanismo... À compreensão dos homens... Nossos irmãos de cor... Creio em ti, Homem... O preconceito de raça... Compreender e amar... De todos os lados, sou assediado por dezenas e centenas de páginas que tentam impor-se a mim. Entretanto, uma só linha seria suficiente. Uma única resposta a dar e o problema do negro seria destituído de sua importância. Que quer o homem? Que quer o homem negro? Me expondo ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem (FANON, 2008, p. 25;26.)

Ainda de acordo com Fanon, a cultura está inscrita no corpo e submetida aos parâmetros dominantes (brancos e europeus), sendo assim, não há pertencimento no que diz respeito ao ser colonial. Para o autor, há um debate etnocêntrico diante dos aspectos culturais: “em primeiro lugar, afirma-se a existência de grupos humanos sem cultura; depois, a existência de culturas hierarquizadas; por fim, a noção de relatividade cultural” (FANON, 2011, p. 273). A cultura configura “o conjunto dos comportamentos motrizes e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante”, segundo o autor, o racismo “é sem sombra de dúvida um elemento cultural” (Ibidem, p. 274). À vista disso, entendemos que analisar Cultura e Colonialismo é compreender a ligação recíproca com o racismo.

A interdisciplinaridade dos estudos é um ponto marcante de Fanon e dos fanonismos em disputa atualmente, uma vez que há linhas gerais e linhas específicas em seu pensamento, logo, são abordadas de acordo com a vertente pretendida<sup>3</sup>. O cruzamento de epistemologias para o estudo do sujeito em situação colonial configura uma herança

---

<sup>3</sup> Inquestionavelmente pertencemos a essas disputas, logo, a leitura de Fanon produzida neste trabalho é localizada – como todas as outras – e será defendida ao decorrer desta dissertação, com o compromisso de ler Fanon a partir dele próprio, tal como, levando em conta as considerações de seus comentadores.

fanoniana: “o próprio Fanon parece ter consciência dessa abordagem transdisciplinar, não frequente naquela época” (MATA, 2015, p. 14).

Paul Gilroy, em sua obra *Atlântico Negro*, afirma que as expressividades negras traduzem teorias sociais, logo, os movimentos anticoloniais por libertação são decisivos para a história da população negra, e não há como desconectar esse vasto engajamento da história mundial. O apagamento que é feito centrado na narrativa europeia colonizadora, desqualifica e dificulta os processos de descolonização. Sendo assim, Gilroy (2011) defende os trajetos da diáspora como intrinsecamente universais, ou seja, para ele, a análise da modernidade que não considera ou incorpora a escravidão e as lutas independentistas consequenciais, é uma falsificação, não contempla a realidade total dos fatos.

Stuart Hall (2011) argumenta que o termo “pós-colonial” auxilia na caracterização das transformações sociais, marcando a transição que se dá irregularmente de impérios para a pós-independência ou pós “(des)colônia”, a conceituação é útil na compreensão das práticas e disposições de poder que são produzidas nesta nova conjuntura. No entanto, o pós-colonial não se aplica uniformemente nos países colonizados, aqui está a problemática crucial para o autor que questiona: “quando foi o pós-colonial?”, uma vez que a discussão não é restringida à determinada sociedade ou época, há transcendência de espaço e tempo, pois se trata de um processo global, não no sentido universal, mas de acordo com o que Gilroy designa como diaspórico, algo que se desloca e complementa-se em reorganizações transversais e laterais.

A questão sobre o Eu e o Outro, debatida vigorosamente pela psicologia, antropologia, sociologia e história, considera para além do caráter individual e subjetivo, ou seja, a parte coletiva do contexto social deve ser inserida (pelo menos na análise que busca evitar reducionismos e desatenção para os condicionamentos históricos que atravessam os sujeitos). Esta discussão está presente na polaridade explícita trazida por Fanon em suas obras, dada pelo embate entre: nós [oprimidos, colonizados, condenados do racismo e/ou pobreza] e eles [imperialistas, racistas, exploradores, colonizadores]. A psicanalista brasileira Neusa Santos Souza, em sua produção intitulada “Tornar-se negro” apropria-se dos ensinamentos de Fanon para abarcar, entre muitos aspectos, a rejeição a si e de traços culturais a partir de experiências negras de racialização:

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade. [...] Este livro representa meu anseio e

tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade. [...] Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos. (SOUZA, 1983, p. 17)

Quando Fanon afirma que o racismo despersonaliza, pois não há reconhecimento envolvido quando um lado apenas reconhece e outro só é reconhecido, cabe mencionar a dialética do senhor e do escravo proposta por Hegel (1992, p. 131): “[...] o que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação”. Assim, quando o senhor não enxerga o escravo é porque o que está literalmente à vista no campo da visão é o racismo inscrito no corpo e perpetuado na mente. Acerca disso, Grada Kilomba (2019) argumenta que, no mundo conceitual branco, o inconsciente coletivo das pessoas negras é pré-programado para o trauma, para a decepção e para alienação, dado que as imagens da negritude que são disseminadas não são gratificantes. A grande sacada da alienação está em forçar a identificação com heróis diferentes de “nós” e a rejeição de inimigos que parecem com “nós”. O olhar ensinado parte da dominação de ordem colonial, no caso, a relação consigo próprio sempre acontece através da presença alienante do Outro branco (HALL, 1996), de modo que como escreve Sartre: o inferno são os outros<sup>4</sup>.

[...] o Outro – este objeto que não é mais visto nem tratado como extensão do Eu – só aparece como predicado dos desejos e gozos do colonizador. Da mesma forma, para Sartre (1968, p. 37), “o sistema colonial para se manter deve conservar-se cada dia mais duro, mais desumano”. Entretanto, no colonialismo, essa desumanização não se concretiza de fato, mas como tendência. Em termos filosóficos, para ser desumanizado, o colonizado precisaria, antes de mais nada, ser reconhecido enquanto humano, em sua liberdade (SARTRE, 1968). Para Sartre (1968, p. 144), o termo que melhor descreve essa situação é “sub-humanizado”, ou seja, “nem homem, nem animal, eis o indígena”. Indiferente a esse jogo de palavras, mas bastante atento às implicações práticas dessa filosofia, Fanon (1980, p. 38) buscara expor como a “expropriação, o despojamento, a razia, o assassinio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem”, engendrando posições sociais “epidermizadas” que, marcadas por uma divisão racial do trabalho, pressupõem o lugar dos indivíduos a partir das marcas fenotípicas e culturais que carregam. (FAUSTINO, 2020, p. 13)

---

<sup>4</sup> Frase da peça teatral *Entre Quatro Paredes*, 1944, de Jean Paul Sartre (2005), na qual destaca-se que o inferno é: “todos esses olhares que me comem”.

A pessoa negra configura o ser que “vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender” (MBEMBE, 2014, p. 11). As representações que configuram “monstros” da sociedade são formas de legitimar o extermínio e os incalculáveis crimes contra os direitos humanos. O reflexo disforme no espelho apresenta “monstros” como seres não civilizados ao passo que as definições impostas dizem menos dos definidos do que dos definidores.

Fanon defende a construção de um ego autônomo de autorrespeito para enfrentamento do mundo colonial. Desta forma, os movimentos sociais negros desempenham um papel fundamental na luta por reconhecimento, auxiliando na concretização de sonhos que nascem do pesadelo de uma história. A cultura, através dos movimentos por descolonização, atua de forma significativa no fortalecimento de formas de existir, por isso a reivindicação destes espaços é necessária e tão cara para as lutas sociais. Recorrer aos Estudos Culturais como abordagem teórica, sob o viés da descolonização epistêmica, é atentar para as práticas de cultura de forma expandida e crítica, abarcando tanto o poder quanto as resistências que reverberam. No caso desta pesquisa, observar o que está dentro, atrás e além das lutas em torno do memoricídio. É nítido a forma que a Cultura penetra em cada recanto da vida social, proliferando-se em novas dinâmicas e medindo tudo:

[...] são raros os lugares que estão fora do alcance destas forças culturais que desorganizam e causam deslocamentos. Pensemos na variedade de significados e mensagens sociais que permeiam os nossos universos mentais; tornou-se bastante acessível obter-se informação acerca de – nossas imagens de - outros povos, outros mundos, outros modos de vida, diferentes dos nossos; a transformação do universo visual do meio urbano- tanto da cidade pós-colonial (Kingston, Bombaim, Kuala Lumpur) quanto da metrópole do ocidente- através da imagem veiculada pela mídia; o bombardeio dos aspectos mais rotineiros de nosso cotidiano por meio de mensagens, ordens, convites e seduções; a extensão das capacidades humanas, especialmente nas regiões desenvolvidas ou mais "ricas" do mundo, e as coisas práticas. (HALL, 1997, p. 22)

As mentes disciplinadas pelo viés dominante sustentam o discurso de que quanto mais branco mais humano, o desejo pela brancura e semelhança se dá pela dignidade que dela advém – eis a questão: seria o modelo europeu de civilização um ideal totalmente narcisista? Visto que o Ocidente transformou as próprias experiências em espelhos nos quais o mundo inteiro deve refletir? –. Essas questões são afloradas por Fanon em “Pele Negra, Máscaras Brancas” e evidenciam o processo de abominação e animalização de

tudo que não é proveniente de uma dita cultura branca. Silva Bento (2002), em sua tese de doutorado, apresenta o conceito Pacto Narcísico da Branquitude, a autora identifica as relações raciais no Brasil a partir dos interesses, privilégios e autoexaltação de um grupo em detrimento de outros. O imaginário manipulado através do pacto entre brancos atribui peso colonial às pessoas negras, dificultando barreiras a ponto de se tornarem quase impossíveis de serem atravessadas, afinal, o problema é do negro, seguindo este raciocínio, seria injusto responsabilizar e situar brancos em uma realidade que não lhe diz respeito.

Como declara Boaventura: “uma vez que o colonialismo é uma cocriação, ainda que assimétrica, descolonizar implica descolonizar tanto o conhecimento do colonizado como o conhecimento do colonizador” (SANTOS 2019, p. 161), logo, não se trata de mera invalidação de todo referencial do norte global, nem dos clássicos, mas sim, uma reconstrução, tomando-os para si e agregando olhares de acordo com termos e realidade que nos são próprias, tal qual afirma Caliban: “Ensinaste-me a falar e a minha vantagem foi que aprendi a (lhe) amaldiçoar”<sup>5</sup>. Embora, concordamos com Paulina Chiziane: “às vezes sinto que nos oferecem algo que já era nosso antes deles chegarem”.

Os «esquecidos» levantam a cabeça e começam a falar, contando as suas histórias de marginalidade e de esquecimento. A cultura vira-se para “as margens” e transforma-se numa “práxis de sobrevivência”. A literatura torna-se trans (e não inter) nacional. Em suma, o colonialismo aparece cada vez mais como um conceito/chave fundamental para descodificar o presente. (BHABHA, 2005, p. 235-236)

Stuart Hall, Edward Said e Paul Gilroy retomam o conceito de racialização presente nas reflexões de Fanon sobre Racismo e Cultura, especialmente no que tange os deslocamentos culturais e as identidades que caracterizam o que chamamos de Colonialidade. Hall e Gilroy concordam acerca do “caráter fluído e intersubjetivo das identidades, entendidas sempre como expressão de jogos intersubjetivos de negação, negociação e hibridismo” (FAUSTINO, 2015, p. 103). Os Estudos Culturais sustentam, nesta análise, as discussões sobre os impactos da racialização, do mesmo modo que os efeitos no processo de construção/destruição de memórias.

---

<sup>5</sup>Personagem de William Shakespeare na obra “The Tempest” (1610).

## MEMORICÍDIO

A conquista da América Latina abrangeu, não apenas a tomada de território e expropriação de riquezas, mas o extermínio de grupos sociais, a destruição massiva de culturas e a imposição do esquecimento de suas memórias, crimes cometidos pelos europeus aos povos originários, à vista disso, destacam-se três grandes crimes: genocídio, etnocídio e memoricídio (RAMPINELLI, 2013, p. 139). Nesta seção, focaremos nos aspectos correspondentes à Memória.

Os estudos sobre Memória Coletiva são interdisciplinares, e a sociologia consiste em uma das áreas que agregam contribuições para esta discussão. O Sociólogo clássico Émile Durkheim apresenta o conceito Representações Coletivas como: conjunto de características e saberes comuns absorvidos por sujeitos de determinado meio social, colaborando, assim, para que ajam e pensem de maneiras semelhantes. Ou seja, as representações coletivas traduzem a maneira como a sociedade pensa suas relações e os objetos que a afetam (DURKHEIM, 1978). Já a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida posteriormente, sobretudo no campo da Psicologia Social, adentra fundamentalmente a relação: sujeito e objeto, no processo de construção de uma consciência que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva (MOSCOVICI, 1978).

As reflexões de Maurice Halbwachs (2006), acerca de uma Memória Coletiva, definem algo que pertence ao indivíduo, contudo, não é apenas seu, pois não existe lembrança apartada da sociedade. Nesta lógica, nem todas as memórias são registradas e gravadas, isto significa que a memória é seletiva: todo o ato de lembrar, implica em seu oposto: o ato de esquecer (POLLAK, 1992).

O memoricídio, por sua vez, se dá através de atos sistematicamente orquestrados e manipulados pelo poder dominante para um único fim: o assassinato da memória: “um povo sem memória, é como um homem amnésico: não sabe o que é nem o que faz e é presa eventual de quem o rodeia. Pode ser manipulado” (BÁEZ, 2010, p. 288). Logo, o memoricídio consiste na destruição de todo o patrimônio cultural, seja tangível ou intangível, que simboliza resistência anticolonial. Abaixo trecho que ilustra a impetuosa perseguição:

Se não o fizerdes, ou se o fizerdes maliciosamente, com dilação, certifico-vos que, com a ajuda de Deus, agirei poderosamente contra vós e vos farei guerra da maneira que puder em todos os lugares, submetendo-vos ao jugo e à obediência da Igreja e de Sua Majestade, e tomarei vossas mulheres e vossos filhos e vos farei escravos e como tais sereis vendidos, dispondo de vós como Sua Majestade ordenar, e tomarei vossos bens e farei contra vós todos os males

e danos que puder [em Daniel Vidart: *Ideología y realidad de América*. Montevideo, 1968]. (GALEANO, 2019, p. 31)

Controlar o passado é a melhor forma de planejar o futuro, assim, as elites culturais, subordinadas a centros coloniais hegemônicos, deslumbram-se com a amnésia, pois ela torna amena as resistências existentes. As memórias subalternas ficam fragmentadas, longínquas da versão “oficial”, encobertas pelo denso véu da colonialidade. O apagamento de saberes e memórias do povo negro e do povo indígena é consequência de ações intencionais executadas pelo poder colonial que, desde seus primórdios, age de maneira a reprimir corpos e territórios. Walter Mignolo (2003) argumenta que o colapso das memórias está relacionado com a dinâmica conflitiva na qual histórias locais são soterradas por imposições coloniais que se afirmam universais.

O estilhaçamento da memória subjugada se dá conforme a incorporação coercitiva da cultura dominante, a catequização de povos indígenas, citada acima, impôs à crença católica, do mesmo modo, a escravidão negra utilizava diversos rituais de anulação e esquecimento; a empreitada colonial almejava a desvinculação dos escravizados com seu passado, suas raízes, sua terra, seu corpo (BEIGUELMAN, 2019).

A amnésia coletiva é justamente o esquecimento de determinados aspectos para que outros, hegemônicos, sobrevivam. O mundo da amnésia coletiva é o mundo das versões totalitárias e manipulativas da história: “eu falo de sociedades esvaziadas delas mesmas, de culturas pisoteadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas” (CÉSAIRE, 2010, p. 32).

Uma sociedade desprovida de memórias torna-se alienada, incapaz de julgar e defender seus próprios direitos. A luta pela memória é um palco amplo de disputas e decisivo para a conquista da libertação. De acordo com Ricoeur (2007, p. 451) “o esquecimento pode estar tão estreitamente confundido com a memória, que pode ser considerado uma de suas condições”.

O assassinato de memórias sociais é uma prática assídua dos projetos colonialistas que nega a incorporação dos bens culturais de povos colonizados. Conforme Lélia Gonzalez (2019, p. 241): “a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala por meio das mancadas da consciência”. A memória contempla formas de resistências, lutas sociais contra o esquecimento, por isso, não se trata de um mero rememorar sem fins, conforme bell hooks (2019, p. 285): “uma politização da memória que faz uma distinção entre nostalgia — aquele anseio de que algo seja como antes, uma



espécie de ato inútil —, daquele modo de lembrar que serve para iluminar e transformar o presente”. Ela [a memória] é ferramenta de sobrevivência anticolonial.

A eficácia do apagamento sociocultural de grupos marginalizados, em todas as esferas da vida, é obra de um único processo: a colonização. Obviamente a morte não se dá apenas no plano simbólico, no sucumbimento de tudo que dele deriva, memórias, valores, estéticas, espiritualidades, cosmologias etc. (NASCIMENTO, 1978). A morte do corpo é a consumação final de um processo lento e impiedoso que impõe o suplício diário do medo e desespero desencadeados por políticas mortíferas utilizadas pelo Estado (MBEMBE, 2016) para promoção do banimento em massa de corpos negros, indígenas e pobres: “estima-se que mais de metade da população aborígine da América morreu contaminada logo ao primeiro contato com os homens brancos” (GALEANO, 2019, p. 38). Em suma, pouco resta quando os mecanismos da branquitude – que expropria tudo aquilo que a ela não reflete – estão em ascensão.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 34)

Diante das diversas tentativas de apagamento da amefricanidade (GONZALEZ, 2018), – por meio de mitos intensamente difundidos, como o que se refere a uma “democracia racial” brasileira – a resistência negra resiste através da memória, embora o discurso hegemônico da branquitude se apresente autoritariamente, se faz necessário pensarmos as representações sociais, mas principalmente, as imagens de controle que as incidem. Segundo Bueno (2019, p. 74), as imagens de controle possuem “um significado central que se distingue do conceito de representações e estereótipos, uma vez que a articulação das imagens de controle se dá a partir da autoridade que os grupos dominantes possuem para nomear”.

Os gritos de resistência que ecoam das realidades à margem são as chaves para a superação da fratura enunciativa, herança da colonialidade, produzida pela violência colonial. As memórias sociais, tal como, os espaços públicos, deveriam atribuir reconhecimento às atrocidades históricas. Não há mais complacência para apologia colonizadora, as homenagens aos algozes de povos pretos e indígenas precisam ser repensadas:

Para tanto, a produção do apagamento das memórias negras consiste em duas matrizes de silenciamento que operam: uma pela contenção de ambientes memoriais do holocausto negro e indígena ou da resistência, sabedoria e lutas desses povos; e outra pelo desenvolvimento de mitos e ideologias coloniais que fustigam a realidade gritante das desigualdades promovidas pelo racismo brasileiro (MISSIATTO, 2021, p. 259)

A empreitada colonial efetivou um verdadeiro saque cultural e os danos causados pelo memoricídio são incalculáveis. Esta dominação cultural reflete a dominação econômica, o memoricídio perpassa mente e corpo, logo, a repressão de aspectos culturais diz respeito a um projeto de morte muito mais amplo, sistematicamente estruturado, com a finalidade de decretar quais as memórias, bem como quais os corpos, devem viver. O memoricídio realizado por dominadores que não se contentam com a destruição do modo de vida encontrado, mas impõe seu próprio modo de ser, pois o “burguês faz de si mesmo e do trabalhador lá onde tem plena liberdade para moldar o mundo, segundo sua própria imagem” (MARX, 2013, p. 821). O Memoricídio e a Necropolítica remontam à colônia.

## GENOCÍDIO

A obra *O Genocídio do Negro Brasileiro*, de Abdias Nascimento (1978, p. 15), inicia com a seguinte descrição do significado da palavra:

O uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para a exterminação de um grupo racial, político ou cultural, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo. Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos.

Certamente a matança não acontece apenas nos aspectos físicos dos indivíduos, no corpo. Se dá também, como visto na seção anterior, pela destruição da memória. No entanto, o corpo seria a dimensão final, a consumação deste processo mortífero. A dimensão de Necropolítica que adotamos se refere à “destruição material dos corpos e populações humanas julgados como descartáveis e supérfluos” (MBEMBE, 2012, p. 135).

O poder necropolítico opera por um gênero de reversão entre vida e morte, como se a vida não fosse o médium da morte. Procura sempre abolir a distinção entre os meios e os fins. Daí a sua indiferença aos sinais objetivos de crueldade. Aos seus olhos, o crime é parte fundamental da revelação, e a morte de seus inimigos, em princípio não possui qualquer simbolismo. Este tipo de morte nada tem de trágico e, por isso, o poder necropolítico pode multiplicá-lo infinitamente, quer em pequenas doses (o mundo celular e molecular), quer por surtos espasmódicos – a estratégia dos pequenos massacres do dia-a-dia, segundo uma implacável lógica de separação, de estrangulamento de vivisseção, como se pode ver em todos os teatros contemporâneos do terror e do contraterror (MBEMBE, 2017, p. 65).

Achille Mbembe se propõe a desafiar as concepções elaboradas inicialmente por Michel Foucault acerca de uma biopolítica e biopoder, propondo uma leitura diferente sobre a vida e, principalmente, sobre a morte na contemporaneidade. As análises do teórico africano foram produzidas através de categorias menos abstratas, em um contexto de eliminação de corpos renegados para o bom funcionamento do sistema-mundo, tendo como base os impactos causados pela colonização.

Os críticos à teoria foucaultiana afirmam: “o colonialismo e a ideologia colonial estão amplamente ausentes na história do mundo moderno e contemporâneo reconstruída pelo filósofo francês” (LOSURDO, 2011, p. 228). Enquanto Foucault restringiu-se à violência racista no contexto de nazifascismo, os teóricos da diáspora afirmavam que: quando a Europa conheceu o “seu” Hitler, o continente africano já havia conhecido vários

deles. Logo, teorias sociais desprendidas do continente europeu se fazem necessárias para subverter a lógica do norte global e contemplar adequadamente os processos que assolam a periferia do capitalismo.

É a partir da periferia do capitalismo que emerge uma revisão inovadora sobre Necropolítica. As reflexões elaboradas pelo cientista social Achille Mbembe abarcam o modelo de segmentos sociais que regram e organizam o poder de gestão sobre as vidas, ditando quais corpos podem viver e quais devem morrer para a garantia do funcionamento do sistema-mundo capitalista. É digno ressaltarmos que, mesmo que a conquista colonial se dê por meio de apreensão de corpos, demarcação de terras e controle – tanto físico quanto geográfico –, seu intuito também é inscrever sobre os explorados uma nova dinâmica de vida social, novas hierarquias, novas leis sobre propriedade, um novo imaginário cultural. Logo, as violências vivenciadas pelos povos colonizados não são fatos pretéritos, as políticas de aniquilação social possuem técnicas sistemáticas e atos contínuos de Estado contra corpos que devem desaparecer, nesta lógica, existem populações úteis e descartáveis. O racismo se manifesta como um meio de exercer o “velho direito soberano de matar”, sua função geral é liberar e tornar possível a matança (MBEMBE, 2018, p. 18).

Os corpos vistos como descartáveis são expulsos, jogados às margens da sociedade, o “trabalho de morte” que precisa ser feito têm êxito por meio das máquinas de guerra, por exemplo: polícia militar, milícias, mercenários, companhias de segurança privada etc. A totalidade dos fenômenos violentos, próprios da periferia do capitalismo, do genocídio e do terror racial, são possíveis de análise através da Necropolítica. O processo de gestão da barbárie, no sentido mais colonial do termo, é estratégia de manutenção dos tempos necropolíticos que vivenciamos, no qual o mundo contemporâneo se mostra, cada vez mais, uma fonte inesgotável de distribuição de desigualdades sociais, principalmente raciais. Nas palavras de Galeano (2019, p. 18): “a história do subdesenvolvimento da América Latina integra a história do desenvolvimento do capitalismo mundial”.

A Necropolítica e o necropoder servem para a explicação das várias maneiras pelas quais “armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de mundos de morte” (MBEMBE, 2018, p. 71). A teoria fanoniana fornece grande contribuição para Mbembe na construção e compreensão do necropoder, da política de morte e do colonialismo, pois, segundo o autor, Fanon descreve vividamente a espacialização da ocupação colonial e o massacre contra povos colonizados.

Mbembe converge com Fanon, o necropoder é uma tese pós-colonial que está fincada nos pressupostos da crítica ao colonialismo em *Condenados da terra*. As populações negras, árabes, indígenas e periféricas têm um lugar de tratamento. Ora, isso difere bastante do poder soberano. Não se trata de práticas de suplício público, como nos diria Foucault. Mas de eliminação e confinamento em massa como enfatizou Fanon. (NOGUERA, 2016, p. 67)

A morte é política, a política gera reconhecimento entre iguais, a ausência de reconhecimento leva a morte. Em vista disso, evidenciamos que a população negra, os povos indígenas e todos os herdeiros da colonização não estão aptos para a cena do reconhecimento. E os grupos que permanecem no esquecimento são alvos fáceis de violência, como argumenta Fanon: o ser tratado como “máquina-animal” só pode sair das sombras, como humano, se puder vir à luz do reconhecimento [já que máquinas e animais não são vistos nem tratados como pessoas].

Em tempos de “devir-negro do mundo”, a Necropolítica anti-negros se apresenta como o novo meio de eliminação. Pela primeira vez na história da humanidade, o nome negro deixa de remeter unicamente para a condição atribuída aos genes de origem africana durante o primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, desapossamento da autodeterminação e, sobretudo, das duas matrizes do possível que são o futuro e o tempo). A este novo caráter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos devir negro do mundo. (MBEMBE, 2014, p. 18)

É deste modo que funciona a Necropolítica, “incapaz de multiplicar os pães, faz o possível para suprimir os comensais” (GALEANO, 2019, p. 22), isto é: combata o racismo, mate um negro! No capitalismo colonialista, é lei inexorável ser uma sociedade predatória, não apenas mortal, mas ameaçada de extinção. De acordo com Aime Césaire (2010, p. 68) “existe uma lei de desumanização progressiva, em virtude da qual, na ordem do dia da burguesia só existe, de agora em diante (e que só pode haver agora), violência, corrupção e barbárie”.

Na obra “Necrocapitalismo: ensaio sobre como nos matam”, Gabriel Miranda apresenta uma análise e revisão crítica do conceito Necropolítica, sob uma perspectiva materialista e histórico-dialética. Ao passo que, sem anular a contribuição de Mbembe, avança nas proposições sobre as necropolíticas, o ensaio propõe a crítica ao necrocapitalismo como o ponto de partida crucial para compreensão da produção da morte, levando em conta o ritmo e escala exacerbada com que ocorre no capitalismo:

Com isso, não se está a dizer que Achille Mbembe é um defensor ferrenho do capitalismo – o que me parece um completo absurdo. Mas o modo como o autor camaronês desenvolve as suas ideias no ensaio *Necropolítica* faz parecer que não é a sociabilidade burguesa que funda – ou, se não funda, sustenta – a denominada política de morte que ele apresenta. Como não se percebe expressamente uma perspectiva de superação da sociabilidade burguesa na referida obra, esta leva a crer que o modo de produção capitalista não é um problema em si mesmo, mas um elemento disfuncional que, com os ajustes necessários, poderá deixar de promover a morte daqueles muitos que encontram suas garras gélidas. A crítica ao neoliberalismo, para alcançar a sua potência máxima, deve vir acompanhada da crítica e de um projeto de superação do próprio capitalismo.

Ora, em outros de seus textos, o autor camaronês se remete, de forma criativa, a vários dos problemas provocados pelo capitalismo neoliberal, como a difusão do ideário meritocrático, a precarização das relações de trabalho, o uso de novas tecnologias como recurso para potencializar a exploração dos sujeitos e o alargamento das práticas de exceção (Mbembe, 2018; 2020). E é óbvio que o capitalismo neoliberal representa um estágio cruel do capitalismo. Mas qual forma de capitalismo não é cruel? (MIRANDA, 2022).

Ainda de acordo com Gabriel Miranda, a doutrina liberal contribui para a hierarquização e exclusão social. E, além disso, legitima que cada contexto social-histórico-político-econômico-cultural do capitalismo produza seus “ninguéns”, ou seja, aqueles que “valem menos do que a bala que os mata” (GALEANO, 2002). Logo, “capitalismo e liberalismo – e sua versão reformulada, o neoliberalismo – são, portanto, as bases de apoio da *Necropolítica*” (MIRANDA, 2019).

Considerando: a urgente necessidade de medidas práticas no sentido de preservar a população afro-brasileira da extinção; Considerando: que todas as formas de colonialismo e neocolonialismo devem ser proscritas, quer sejam de tipo territorial, econômico, político, cultural ou psicológico; Considerando: que este Colóquio tem a precípua finalidade de apoiar e contribuir para a aceleração do corrente processo de libertação dos povos africanos e dos povos de descendência africana em qualquer parte do mundo [...] este Colóquio recomenda que o Governo do Brasil permita e estimule a livre e aberta discussão dos problemas do negro no país; [...] este Colóquio recomenda que o Governo Brasileiro remova os objetos da arte afro-brasileira assim como os de sentido ritual existentes em instituições de polícia, de psiquiatria, história e etnografia; e que o dito governo estabeleça museus de arte com dinâmica e pedagógica finalidade de valorização e respeito devidos à cultura afro-brasileira; de preferência tais museus se localizariam nos estados com significativa população negra, tais como Bahia, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe, Rio Grande do Sul. (NASCIMENTO, 1978, p. 138-139)

A partir destas teorizações, no conflito entre colonizador e colonizado, sob a perspectiva do sistema-mundo, só há lugar para a exploração de trabalho, para intimidação através do Estado, para repressão policial, para violação de culturas, para o desprezo das elites gananciosas com as classes populares, para massas marginais e para a

precarização da vida como um todo (CÉSAIRE, 2010; GONZALEZ, 2018). O conflito, desta forma, torna a reação violenta de grupos oprimidos em tarefa histórica de resistência e de superação da necropolítica.

## SISTEMA-MUNDO COLONIAL

Para abarcar as desigualdades sociais, especialmente o racismo em escala mundial, utilizamos duas perspectivas que aqui serão abordadas como complementares: a Teoria Marxista da Dependência e a Teoria do Sistema-Mundo. A Teoria do Sistema-Mundo é uma vertente analítica que tem como um de seus principais expoentes o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein. O autor, nesta empreitada teórica, rejeita a primazia de estados nacionais enquanto objetos de análise, adotando, desta forma, uma perspectiva macrossociológica, pois entende as relações entre países como interações complexas que são pertencentes à uma totalidade sistêmica, ou seja, fazem parte do sistema-mundo capitalista. Wallerstein argumenta que as divisões que caracterizam as ciências sociais são errôneas, pois, segundo ele, sociologia, ciência política e antropologia, assim como, economia e história, são subdivisões disciplinares ancoradas numa perspectiva liberal de Estado e de suas relações com determinados setores da ordem social (WALLERSTEIN, 1974, p. 11).

Para o tipo de análise feita, como proposto pelos autores Etienne Balibar e Immanuel Wallerstein (2021), realizar fragmentações entre as disciplinas não faz sentido, já que a crítica se volta, justamente, ao legado deixado pelo pensamento “universalizante-setorizante”, que resulta da extrema profissionalização do conhecimento que, na prática, acaba contribuindo para o aumento das dificuldades intelectuais na compreensão da realidade social, além de limitar a capacidade de imaginação sociológica para atender as demandas do capital: “o capitalismo representa a recompensa material para alguns, mas para que isto possa acontecer nunca pode haver recompensa material para todos” (WALLERSTEIN, 2002).

[...] a formação nacional nas regiões subdesenvolvidas assume aspectos totalmente novos. Nessas regiões, excetuadas algumas realizações espetaculares, os diversos países apresentam a mesma ausência de infraestrutura. As massas lutam contra a mesma miséria, debatem-se com os mesmos gestos e desenham com seus estômagos encolhidos o que se pode chamar de geografia da fome. Mundo subdesenvolvido, mundo de miséria e desumano. (FANON, 1968, p. 76)

A Teoria Marxista da Dependência, por sua vez, possibilita-nos a reflexão sobre as relações capitalistas dependentes que estão impostas diante das relações instituídas pelo mercado mundial. A particularidade da luta de classes correspondente a América Latina faz com que seus “condenados” da terra – à lá Fanon – sejam submetidos a superexploração e a diversos meios de violências estruturais, sobretudo opressões quanto à raça e quanto ao gênero. Ruy Mauro Marini (2011) alega que a relação entre capital e trabalho, no contexto latino-americano, é definida pela superexploração da força de trabalho, esta superexploração expressa a dialética evidente nas relações dentro do sistema-mundo, entre nações mais desenvolvidas e menos desenvolvidas, desta forma, a análise ampla demanda, para além de explicações econômicas, a compreensão dos aspectos culturais e explicitação dos elementos políticos, questões que através da abordagem sociológica reunimos para a compreensão dos fundamentos da dependência e do sistema-mundo.

Ao fazer abstração da natureza dos recursos, espaço e territórios, o desenvolvimento histórico da sociedade moderna e do capitalismo aparece como um processo interno, autogerado, da sociedade europeia, que posteriormente se expande para as regiões atrasadas. Nessa construção eurocêntrica desaparece do campo de visão o colonialismo como dimensão constitutiva destas experiências históricas (LANDER, 2006, p. 250)

A perspectiva do sistema-mundo colonial que adotamos, logo, encara o subdesenvolvimento não como uma etapa atrasada de desenvolvimento, mas como uma consequência de um processo histórico de dominação na economia mundial, que se manifesta em uma relação centro-periférica, aprofundada pela divisão social, racial e internacional do trabalho.

Em suma, consideramos o subdesenvolvimento um mecanismo de expansão dos países mais ricos, de modo que desenvolvimento e subdesenvolvimento se apresentam como aspectos referente a um mesmo processo econômico universal, ou seja, o desenvolvimento de certas partes do sistema ocorre às custas do subdesenvolvimento de outras partes. As implicações dessas relações desiguais se manifestam internamente e



externamente, como pontua Eduardo Galeano (2019, p. 17): “a divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder”.

O colonialismo, mais do que uma situação política, é uma situação econômico-social, caracterizada pela dependência de uma determinada comunidade – a comunidade colonial – para com outra comunidade – a metropolitana – ou para com outros países econômico-socialmente autônomos. Nesse sentido econômico-social, que não implica necessariamente a dependência política, as duas principais características do colonialismo são, em primeiro lugar, o fato de a comunidade colonial estar organizada como um instrumento a serviço de sua metrópole ou, de modo geral, dos países econômico-socialmente autônomos. Em segundo lugar, o fato de que a comunidade colonial só poder desenvolver-se com impulsos exógenos. É esta segunda característica que torna relativamente sem importância o estatuto político da sociedade colonial, cuja dependência para com o exterior nem decorre basicamente da coação política nem constitui para tal sociedade unicamente um ônus, mas antes representa sua própria forma de existência. As comunidades coloniais, de certo modo, são núcleos geográficos e socialmente descentralizados das sociedades que desempenham para com elas a função de metrópole. (INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1979, p. 175).

A Teoria Marxista da Dependência foca na compreensão do processo socioeconômico na América Latina a partir de sua participação no sistema mediante subordinação à economia mundial capitalista. Teotônio dos Santos, um dos principais nomes desta vertente intelectual, afirma que a teoria da dependência representou um esforço crítico para compreender as limitações de um desenvolvimento iniciado num período histórico em que a economia mundial já estava constituída sob a hegemonia de enormes grupos econômicos e poderosas forças imperialistas (DOS SANTOS, 2000). A utilização desta categoria analítico-explicativa, advinda do marxismo, é fundamental para a compreensão da situação de países latino-americanos.

Outra variante do desenvolvimento capitalista dependente foi estudada por Ruy Mauro Marini sob o título do subimperialismo. Segundo o autor, a dominação imperialista na América Latina tinha que passar pela existência de quadros hegemônicos locais que chegassem a exercer a hegemonia regional. Brasil, ou possivelmente o eixo Brasil e Argentina, são assinalados pelo autor como bases possíveis desta dominação regional. A política externa "interdependente" de Castelo Branco era vista como uma expressão dessa tendência. Nessa variante, a dependência aparece sob uma forma mais complexa. Se perceberia a necessidade de intensificar a política de industrialização nos países dependentes, mas essa mudança não levaria a uma integração regional entre iguais, mas sim à dominação de um país sobre outros. Alguns países poderiam obter um status preferencial dentro do sistema. A tese do subimperialismo faz, assim, nos aproximarmos mais ao desenvolvimento possível dentro do sistema capitalista internacional. (SANTOS, 2009, p. 445)

O contexto internacional importa quando pensamos sistematicamente os impactos da colonialidade. No livro intitulado “Neocolonialismo: último estágio do imperialismo”, Kwame N’Krumah (1967), em diálogo com os escritos de Lênin, abarca sobre a manutenção colonialista que diz respeito a um sistema que depende da superexploração para que se mantenha vivo. Acerca do mecanismo do neocolonialismo, Krumah destaca que o resultado se dá através do capital para exploração, e não para desenvolvimento. Desta forma, o investimento no neocolonialismo aumenta, em lugar de diminuir, a brecha entre as nações ricas e pobres do mundo.

Mas à medida que se acentua a luta, mesmo essas medidas neocolonialistas estão demonstrando ser demasiadamente brandas. Assim, a África, Ásia e América Latina começaram a sofrer uma série de golpes de estado e tentativas de golpe, juntamente com uma sequência de assassinios políticos que destruíram no início da carreira alguns dos melhores líderes das nações recentemente surgidas. Para assegurar o êxito desses esforços, os imperialistas fizeram um uso amplo e astucioso de armas ideológicas e culturais sob a forma de intrigas, manobras e campanhas de calúnias. (KRUMAH, 1967, p. 289)

Em uma perspectiva anticolonial, existe uma relação intrínseca entre a dinâmica que o Sistema-Mundo Capitalista se apresenta e a lógica de dominação/violência produzida contra povos indígenas e negros. Contudo, lembramos que pensamento descolonizado, somente, não transforma um mundo colonizado, por isso precisamos atentar para a práxis em um mundo concreto, compreendendo discursos e representações como, também, partes fundamentais da realidade material:

Esta nova característica do desenvolvimento capitalista dependente, além de não resolver as contradições econômicas e sociais existentes, agrava tais contradições e gera outras novas, cujo resultado é uma situação de crise profunda e generalizada, que se manifesta em todos os níveis da vida das sociedades latino-americanas. (BAMBIRRA, 2013, p. 34)

Não há como discutir que os grandes vencedores da economia global estão no topo da distribuição da renda. As pesquisas e relatórios produzidos pela Oxfam Brasil revelam que, nos últimos vinte e cinco anos, o 1% mais rico da população mundial teve uma renda mais alta que os 50% mais pobres. E que toda renda e riqueza em alta escala não chega na margem, muito menos beneficia os mais necessitados, elas são sugadas para cima em um ritmo alarmante. O 1% mais rico detinha, desde 2015, mais riqueza que o resto do planeta. Ainda de acordo com os dados apresentados, oito homens detinham a mesma riqueza que a metade mais pobre do mundo (OXFAM, 2017). Clóvis Moura contribui

para a discussão no sentido de impulsionar a reflexão sobre os avanços do topo e retrocessos da base:

Desta forma, se, de um lado, a sociedade acumula, assimila e dinamiza, aquilo que o desenvolvimento material, científico e tecnológico criou e aperfeiçoou, de outro lado, as relações entre os homens no processo de trabalho continuaram atrasadas e correspondentes a um estágio anterior e inferior ao da estrutura que avançou. Todo o suporte fundamental da sociedade fica, desta forma, em desarmonia com o desenvolvimento da outra parte que se modernizou. Cria-se uma contradição na estrutura que começa a produzir choques, assimetrias e conflitos como reflexos e reduções dessa diferença. Essas contradições e/ou desestruturação manifestam-se das mais variadas formas, quer na área de trabalho, onde elas são mais agudas, quer no nível ideológico, gerando idéias em grupos e organizações que passam a reproduzir o que tem de moderno, isto é, a ciência e tecnologia avançadas. Mas por outro lado, ao serem aplicadas essa ciência e essa tecnologia elas irão servir aos detentores do poder, às suas instituições e elites executoras desse poder que representam o passado e criam níveis de resistência à mudança social. Em outras palavras o moderno passa a servir ao arcaico (MOURA, 2014, p. 85-86).

Enquanto que na teoria do Sistema-Mundo Moderno, a palavra “moderno” significa contemporaneidade, na teoria do Sistema Mundo Colonial o elemento central é a colonialidade, uma vez que “a ênfase na colonialidade transforma a própria noção de modernidade” (RESTREPO; ROJAS, 2010, p. 79). Em outras palavras, a modernidade é concomitante à colonialidade, constituem um processo único. A colonialidade configura o lado violento da modernidade.

É necessário voltar a estudar toda a história, devem examinar-se em todos os detalhes as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas, etc. que lhe correspondem [...] Nem Marx nem eu jamais afirmamos mais que isto. Se alguém o tergiversa, fazendo o fator econômico o único determinante, converte esta tese numa frase vazia, abstrata, absurda (MARX; ENGELS. 2010, p. 103-107).

De acordo com Quijano (2010, p. 84): a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista, pois, sustenta-se na imposição de uma classificação racial e étnica da população mundial e “opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América”.

O racismo é, no capitalismo dependente uma determinação fundamental na racionalização dos desníveis sociais criados pela apropriação dividida da

riqueza entre as classes dominantes internas e externas. Ele antecede a organização capitalista do trabalho neste território e confere sentido às ações das classes dominantes internas na tentativa de defender seu status quo frente à dominação externa. Criado pela dominação colonial clássica, o racismo foi reproduzido pela dominação imperialista, que por si mesma expressa formas de colonialismo. O imperialismo deu critério pseudocientífico à inferiorização dos dominados criado pelo colonialismo. O racismo expressa, portanto, no capitalismo dependente, a racionalização do abismo social criado entre nações desenvolvidas e nações subdesenvolvidas, reproduzido internamente pela superexploração das classes trabalhadoras (SOUZA, 2019, p. 176)

O racismo não é um fenômeno exclusivo da América Latina, ele se manifesta globalmente. Desta forma, o racismo: “enraizado na dominação colonialista e imperialista, exige, para a sua análise, ser situado histórica e geopoliticamente na dinâmica concreta da realidade sob a qual se manifesta”, em outras palavras, o que interessa, verdadeiramente, é a “análise concreta da realidade concreta” – Lenin. Não há maneira de se entender a dinâmica e a complexidade do racismo sem levar em conta as relações sociais fundadas e sustentadas pela lógica da acumulação de capital e da sociabilidade burguesa (SOUZA, 2021).

O problema de um determinado território que se forma após a expansão colonial e possui como componente demográfico os membros de diversas etnias na composição de sua estrutura sociorracial, isto é, a população nativa, a dominadora-colonizadora e aquela compulsoriamente trazida para o trabalho escravo, deve ser estudado levando em consideração o sistema de dominação e subordinação que foi estrategicamente montado, junto aos elementos de controle social e de repressão organizados pelo grupo dominante/colonizador como aparelho repressivo, bem como, a ideologia justificatória que essa estrutura de dominação produziu (MOURA, 2014).

A desigualdade racial e social, forjada desde a invasão colonial e na organização do trabalho a partir de formas servis e escravistas em toda a América, se constitui como “determinante particular no processo de exploração da riqueza no capitalismo dependente latino-americano, integra o movimento geral do capital e demarca a luta de classes particular nesse território” (SOUZA, 2020, p. 5).

A acumulação de capital e o desenvolvimento capitalista na economia mundial também incluiu, desde seus princípios economias “periféricas”, assim como economias médias, na verdade economias e centros políticos e econômicos intermediários. Wallerstein chama estas formações de “semiperiféricas” e Marini denominou algumas destas formações contemporâneas de “subimperialistas”. (FRANK, 1979, p. 283)

A noção sobre a Colonialidade do poder é útil em termos de descolonização do dilema cultura versus economia, como descreve o trecho abaixo, as contribuições de Quijano oferecem uma nova forma de pensar sobre este paradigma:

[...] a qual ultrapassa os limites tanto da análise pós-colonial como da análise do sistema-mundo. Na América Latina, a maioria dos teóricos dependentistas privilegia as relações econômicas em processos sociais, em detrimento das determinações de ordem cultural e ideológica. A escola dependentista percebeu a cultura como sendo um fator instrumental nos processos de acumulação capitalista. Em muitos aspectos, a análise dos dependentistas e a análise do sistema-mundo reproduziram parte do reducionismo econômico das abordagens marxistas ortodoxas. Isto causou dois problemas: em primeiro lugar, um subestimar das hierarquias coloniais/raciais; e, em segundo lugar, um empobrecimento analítico que se revelou incapaz de explicar as complexidades dos processos político-econômicos heterárquicos globais. (GROSFOGUEL, 2008, p.28)

A cidade do colonizado, a cidade indígena, a cidade negra, “é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê”. Fanon declara que, em um mundo sem intervalos, onde as pessoas estão umas sobre as outras, com casas umas sobre as outras: “A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorçada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada” (FANON, 1968, p. 29).

A situação colonial, posta em questão hoje por sociólogos e economistas, é entendida como um complexo, uma totalidade que impõe certo tipo de evolução e de psicologia coletiva às populações colonizadas. Um dos traços desta psicologia coletiva é a dependência, certo bilingüismo, a duplicidade psicológica, condições que tornam limitadíssima a possibilidade de uma identificação da personalidade do colonizado com a sua circunstância histórico natural imediata. (RAMOS, 1995, p. 37)

Para Fanon (1968, p. 50), existe uma relação de cumplicidade objetiva entre o capitalismo e as forças violentas que explodem em território colonial, além disso, “o colonizado não está sozinho diante do opressor. Há, por certo, a ajuda política e diplomática dos países e povos progressistas. Mas há sobretudo a competição, a guerra sem quartel que travam os grupos financeiros”.

O capitalismo, portanto, por meio dos princípios da subordinação, da comercialização e da monopolização, produz uma infinidade de contradições no que se refere ao bem-estar, isto é, produz desenvolvimento ao mesmo tempo que subdesenvolvimento. Cultivos comerciais são produzidos em demasia, especialmente os exportados, enquanto a produção de alimentos de consumo

geral é insuficiente. A capitalização da agricultura aumenta ao mesmo tempo em que se fortalece a monopolização. A produção agrícola cresce, mas a de artigos comuns diminui. Os preços das necessidades agrícolas sobem mais rapidamente do que os das mercadorias industriais, mas mesmo assim, o capital abandona a agricultura [de víveres] (FRANK, 2005, p. 88).

A história do sistema-mundo colonial/patriarcal/capitalista tem privilegiado a cultura, o conhecimento e a epistemologia produzidos pelo ocidente (SPIVAK, 1988; MIGNOLO, 2000). Nenhuma cultura no mundo permaneceu intacta perante a colonização europeia, mas, em absoluto, as rebeliões políticas foram (e são) o grande ato de potência contra o sistema.

[...] em vez de pensar o sistema global capitalista colonial como exitoso em todos os sentidos na destruição dos povos, relações, saberes e economias, quero pensar o processo sendo continuamente resistido e resistindo até hoje. E, desta maneira, quero pensar o/a colonizado/a tampouco como simplesmente imaginado/a e construído/a pelo colonizador e a colonialidade, de acordo com a imaginação colonial e as restrições da empreitada capitalista colonial, mas sim como um ser que começa a habitar um lócus fraturado, construído duplamente, que percebe duplamente, relaciona-se duplamente, onde os “lados” do lócus estão em tensão, e o próprio conflito informa ativamente a subjetividade do ente colonizado em relação múltipla (LUGONES, 2014. p. 942).

Fanon, neste mesmo sentido, declara que “o povo colonizado não está só” e que, a despeito dos esforços do colonialismo, “suas fronteiras permanecem permeáveis às novidades, aos ecos. Ele descobre que a violência é atmosférica, escala aqui e ali, e aqui e ali derrota o regime colonial” (FANON, 1968, p.53). A violência triunfante e revolucionária desempenha um papel não somente informador, mas também operativo para o colonizado, já que “a violência do colonizado, já o dissemos, unifica o povo. Por sua própria estrutura, com efeito, o colonialismo é separatista e regionalista. Não contente de constatar a existência de tribos, o colonialismo reforça-as, diferencia-as” (FANON, 1968, p. 73). Por isso:

Quanto mais o povo compreende, mais se torna vigilante, mais se torna consciente de que definitivamente tudo depende dele e que sua salvação reside em sua coesão, no conhecimento de seus interesses, na identificação de seus inimigos. O povo percebe que a riqueza não é fruto do trabalho, mas resultante de um roubo organizado e protegido. Os ricos deixam de ser homens respeitáveis, não são mais do que animais carniceiros, chacais e corvos que se espojam no sangue do povo. (FANON, 1968, p. 157)

A politização das massas, o processo de desalienação e tomada de consciência, quebra a infantilização das massas, torna-as adultas (FANON, 1968, p. 149). Do mesmo modo que, a assimilação dos ensinamentos de uma sociologia crítica, especialmente nos países latino-americanos, deve cumprir com o propósito fundamental de contribuir para a emancipação cultural, econômica, plena, deve, também, equiparar-se de instrumentos intelectuais e práticos que capacitem a compreensão, de modo autêntico, dos problemas das estruturas nacionais e regionais a que se vinculam (RAMOS, 1995, p. 121). Logo, cada geração, em qualquer parte do mundo em que se encontre, possui uma missão. E esta tarefa histórica deve ser executada ou traída (FANON, 1968, p. 171).

Os navios negreiros já não cruzam o oceano. Agora os traficantes de escravos operam no Ministério do Trabalho. Salário africanos, preços europeus. O que são os golpes de Estado na América Latina senão sucessivos episódios de uma guerra de rapina? As flamantes ditaduras, de pronto convidam as empresas estrangeiras a explorar mão de obra local, barata e abundante, o crédito ilimitado e as isenções de impostos e os recursos naturais ao alcance da mão. (GALEANO, 2010, p. 387)

## CAPÍTULO II

A temática central deste capítulo é o debate acerca do movimento estadunidense Black Lives Matter (BLM), como forma de contextualizar, a partir de pesquisa exploratória na internet e pesquisa bibliográfica, as ações coletivas de militância organizada, acerca do genocídio do povo negro e sobre as críticas à cultura eurocêntrica, contudo, a discussão não se restringe apenas aos Estados Unidos, apresentamos também alguns casos do Sul Global: África do Sul, Chile, Brasil, tal como citamos algumas experiências da Europa como um panorama geral do que ocorre no centro e periferia capitalistas. Desse modo, buscamos expor alguns dados, ainda que insuficientes, em um quadro cronopolítico que ilustra a forma que Genocídio, Memoricídio e Resistência se entrelaçam internacionalmente ao longo do tempo.

### BLACK LIVES MATTER

“A terra é circular  
o sol é um disco.  
Onde está a dialética?  
No mar. Atlântico-mãe!”  
(Beatriz Nascimento, 1989)

Além da Pandemia de Covid-19 que assolou a população mundial com seu início em 2020, outro acontecimento de grande impacto percorreu o mundo e suscitou em tragédias e revolta, tratamos aqui das manifestações em torno do movimento Vidas Negras Importam. No dia 25 de maio de 2020, em Minneapolis/EUA, o assassinato de George Floyd, homem negro morto por um policial branco, escancara, com vasta cobertura midiática, mais um episódio de violência racista e de banalização do genocídio da população negra. O texto “Vidas Negras Importam! Mas por que precisamos afirmar o óbvio?”<sup>6</sup>, publicado em junho de 2020, é parte das reflexões que desenvolvem esta dissertação e expressa, resumidamente, as complexidades que envolvem este fato.

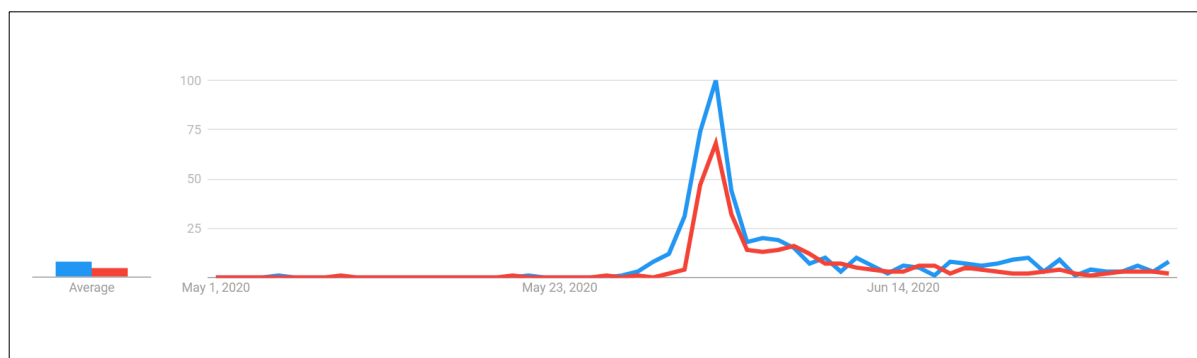
---

<sup>6</sup> GUIMARÃES ESCOBAR, Nuncia Gabriele. SELISTER GOMES, Mariana. Vidas negras importam! Mas por que precisamos afirmar o óbvio? **Sul 21**, Porto Alegre, RS, 04 jun. 2020. Disponível em:



A ampla divulgação dos movimentos que aconteciam nos países do norte global, através das mídias hegemônicas, omitiu a repercussão dos movimentos nos países do sul global. Apresentamos o gráfico abaixo (Figura 1) para ilustrar as pesquisas na internet realizadas no Brasil, do dia 01 de maio a 01 de julho de 2020, a partir das palavras “vidas negras importam”, no gráfico, em vermelho; e “black lives matter”, no gráfico, em azul. Desta forma, o comparativo evidencia que, em território brasileiro, as palavras foram procuradas neste período com maior frequência em língua inglesa. Os números à esquerda do gráfico representam o interesse de pesquisa ao longo do tempo, ou seja, o valor de cem é o pico de popularidade e a pontuação zero significa que não havia dados suficientes para quantificação. Logo, os dados mostram um aumento considerável de pesquisas após o dia 26 de maio de 2020 (o assassinato do estadunidense George Floyd ocorre no dia 25), a queda brusca de interesse pelo tema acontece alguns dias depois, a partir de 04 de junho.

Figura 1 – Black Lives Matter nas buscas da web no Brasil



Fonte: Google Trends. 2021.

A hashtag #BlackLivesMatter<sup>7</sup>, em inglês, pois é cunhada nos Estados Unidos, é difundida para além do contexto estadunidense em uma rede internacional de protestos

---

<<https://sul21.com.br/opiniaio/2020/06/vidas-negras-importam-mas-por-que-precisamos-afirmar-o-obvio-por-nuncia-guimaraes-escobar-e-mariana-selister-gomes/>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

<sup>7</sup> Três mulheres negras estadunidenses (Patrisse Cullors, Opal Tometi e Alicia Garza) criam o Movimento BLM no ano de 2013. Em entrevista sobre a organização, Alicia declara que: “é tão simples e, ao mesmo tempo, tão complexo. É uma afirmação muito direta de um problema e de uma solução ao mesmo tempo. Aqui estamos, sete anos depois, e acredito que ficou claro que parte do desconforto com essa declaração é que ela o força a escolher um lado. Você não pode dizer que algumas vidas negras importam ou meio que importam ou às vezes importam. A declaração pergunta a você, você acredita que a vida dos negros importa? E, se você acha que sim, é esse o mundo em que vivemos agora? Se não, o que faremos para chegar lá?” (GARZA, 2020).

contra o racismo, o movimento está presente no meio digital e no meio físico, visto que, tanto as redes sociais como as ruas são ocupadas. No entanto, o movimento entrelaça dimensões distintas de violações racistas, sendo o Genocídio – a morte do corpo – a consumação de um processo denso e diário de Memorocídio – a morte simbólica.

Nem a violência policial nas comunidades negras nem a resistência a essa violência são novas. Mas algo novo surgiu: um novo foco de ira e desespero, uma fonte essencial de esperança, um novo catalisador do imaginário social e da criatividade. Sem dúvida, há muitas razões para o surgimento de um movimento, neste momento particular. [Um] fator foi, certamente, a habilidade com que os organizadores empregaram símbolos, hashtags, cantos, metáforas e imagens para comunicar - de forma rápida e impactante - os valores subjacentes ao movimento e seus objetivos. Todo movimento social desenvolve uma provisão de símbolos. Esses símbolos dão coerência aos dispersos esforços das bases. Eles valem-se de nossas emoções e incentivam-nos a aprender mais. Fazemos uso deles para marcar nossa identidade coletiva e captar o interesse dos meios de comunicação, com seus conhecidos breves períodos de atenção (KUTTNER, 2015)

O autor Éwerton Santos (2022, p. 197), em seu artigo sobre o movimento Black Lives Matter e seu impacto para comunidade internacional na luta contra o racismo, apresenta um panorama que ilustra os exemplos da contribuição transnacional do movimento em vista das ações realizadas e dos instrumentos de mobilização:

[...] foi em 2016 que obteve repercussão global. No continente europeu atingiu países como a Inglaterra, França e Alemanha, no continente africano países como Senegal e África do Sul, enquanto na América, países como o Brasil e o Canadá, e em todos eles, estiveram em questão discussões sobre o racismo e a violência policial que caracterizam a forma sistemática de expansão do movimento na comunidade internacional (Melo, 2017). Além disso, a rede de ativismo do BLM passou a denunciar a falta de reconhecimento e atenção às atrocidades de ditadores que assumiram o poder nos países da diáspora africana, e as contradições do Ocidente em somente se atentar quando convêm especialmente em problemas derivados dos fluxos migratórios (Melo, 2017). No continente africano se destacaram as ações do grupo Black Solidarity Action, que inspirados pelo BLM levantaram protestos em Cabo Branco em solidariedade aos casos dos afro-estadunidenses Alton Sterling e Philando Castile. Paralelamente, em Uganda a hashtag African Lives Matters foi levantada para pôr em evidência as questões raciais no país (Melo, 2017). Na África do Sul, mobilizações estudantis reivindicaram a descolonização dos campi universitários se utilizando da influência do BLM. No continente em geral, os países passaram a adotar canais midiáticos para expor provas de casos de discriminação racial e violência policial, tendo sucesso na suspensão da atividade dessas autoridades como fora os casos em Guiné e em Costa do Marfim (Melo, 2017). Na Europa, foram realizados atos pacíficos por meio das práticas dos sit-ins e die-ins em solidariedade ao BLM na França, Inglaterra, Irlanda, Alemanha e nos países baixos, onde se destacaram as ocupações em pontos turísticos famosos (Melo, 2017). Tais manifestações se utilizaram de frases de efeitos, tal como a do próprio Black Lives Matter, I can't breathe, Don't shoot e Stop Killing Black People e slogans específicos de cada região,

tais como a Black Lives Matter France e Black Lives Matter UK (Melo, 2017). O BLM France surgiu em detrimento do caso de Adama Traoré, homem negro, morto sob resguardo policial, acompanhando os atos cuja hashtag #JusticePourAdama levantou o debate sobre racismo estrutural no país. Por outro lado, o BLM Reino Unido surgiu após o Brexit, contra a Lei de Imigração no país e a xenofobia. (Melo, 2017). Na Austrália, a população aborígine se utilizou da influência do BLM para criar seu próprio movimento em prol dos seus direitos enquanto nativos. Como resultado, após a morte de uma cidadã indígena sob custódia policial, manifestações cibernéticas denominadas Native Lives Matter e Aboriginal Lives Matter reuniram manifestações oriundas de diferentes povos indígenas. Mais tarde, em 2017 o BLM ganhou o prêmio Sidney Peace Prize e discutiu questões pertinentes à época com a população afro-australiana (Melo, 2017). No Canadá, o BLM se instaura em solidariedade aos afro-estadunidenses e também com o objetivo de desmistificar o ideal de o que país é integralmente progressista, principalmente após a execução de Jermaine Carbe, homem negro, 33 anos, morto a tiros após checagem de trânsito em Toronto. Black Lives Matters Vancouver aponta o grau de racismo sofrido pela população negra no país. Além disso, o movimento é diretamente ligado à causa indígena, apontando os problemas resultantes do legado da colonização para os nativos canadenses (Melo, 2017). No Brasil, em 2016 uma comissão estadunidense do BLM viajou até o Rio de Janeiro em solidariedade as ativistas do movimento Mães de Maio, que abrange mulheres que perderam seus filhos negros pela violência do Estado, no qual, em parceria, realizaram eventos que trataram sobre a questão racial no país. Desde então, o movimento brasileiro “Vidas Negras Importam” atua em parceria com diferentes redes de ativismo internacional contra o racismo (Melo, 2017).

Reafirmando, as grandes mídias focaram na divulgação dos movimentos nos países desenvolvidos, Europa e Estados Unidos tiveram espaço central na cena midiática, ao passo que as mobilizações aconteciam fortemente no território do sul global também, ainda que não fossem noticiadas, tanto as ruas como a internet estavam tomadas pelo movimento. Embora a luta pela valorização de vidas negras e indígenas, pelo fim do genocídio e da memória colonial seja antiga, a teoria do sistema-mundo colonial auxilia nossa compreensão desta dinâmica de poder.

Seja no governo Trump ou no segundo mandato do Governo Obama, o Black Lives Matter vivenciou contextos hostis na conjuntura política, contudo as mobilizações tomaram uma nova dimensão e força, não apenas nos Estados Unidos da América, mas internacionalmente, para além das fronteiras do país, depois do assassinato de George Floyd, em Minneapolis, em maio de 2020. Nas Américas, na Europa, na Ásia e na África houveram manifestações de apoio ao BLM organizadas e seguidas apesar do contexto de pandemia (DE GENOVA, 2018; GEIA, 2020; KENNEDY-MACFOY; ZARKOV, 2020).

Segundo especialistas, é o movimento de protestos mais amplo da história dos Estados Unidos. Sua ascensão após a morte de George Floyd, em maio de 2020, em um contexto atrelado à pandemia da covid-19 provocou a inquietação e o debate, principalmente pelo modo como este assassinato aconteceu. De

forma brutal, cruel e covarde por policias, demonstrando como o racismo é um problema gravíssimo que envolve toda a sociedade, sem exceção. Suas consequências são sérias e reais. (BORGHI, 2020, p. 9-10)

As manifestações iniciadas contra a brutalidade policial e, sobretudo, contra os assassinatos cometidos contra populações marginalmente racializadas, reverberam em insatisfações quanto aos discursos oficiais, narrativas históricas difundidas em monumentos, estátuas, patrimônios culturais em geral, repletos de colonialidade e terrorismo racial. As representações sociais e suas imagens de controle tomaram o debate público quando o movimento reivindicou, também, a luta por esses símbolos.

No dia 07 de junho, em Bristol na Inglaterra, manifestantes derrubam a estátua de Edward Colston, traficante de escravizados, a imagem percorre o mundo, intensificando o debate sobre a desmonumentalização do racismo em escala global<sup>8</sup>. Diversos patrimônios culturais foram alvo de intensos protestos, o memorial colonial, em tom de homenagem para senhores de escravizados, torturadores sanguinários e comandantes de massacres de povos negros e indígenas, serviu de palco para pichação, derrubada e fogo ateado.

Descolonizar é insurgir sobre marcos históricos, alegorias do trauma colonial, que perpetuam o imaginário do poder ocidental no espaço urbano; descolonizar é recuperar aspectos históricos de um processo colonial predador, elaborando limites jurídicos para o diálogo com comunidades espoliadas; descolonizar é derreter delírios autoritários e tensionar hegemonias. (ALZUGARAY, 2022)

Embora o aumento da discussão tenha acontecido em 2020, devido aos acontecimentos citados anteriormente, constatamos que o movimento anticolonial, contra o Memoricide e a Necropolítica, está organizado e promovendo transformações há tempos. Nos referimos, especialmente, as lutas que partem do Sul Global, sobretudo no território da América Latina e do continente África. A seguir, apresentamos alguns casos.

Movimento Sul-Africano: “Rhodes Must Fall”, em português: Rhodes deve cair, iniciou em 2015 na África do Sul e refere-se às mobilizações pela derrubada da estátua inglesa de Cecil Rhodes, assim como à atenção para as demandas de ensino e valorização da História e da Cultura da África, na Universidade da Cidade do Cabo. Cecil Rhodes,

---

<sup>8</sup>“Manifestantes derrubam estátua do traficante de escravos Edward Colston em Bristol, na Inglaterra [...] protestos ocorrem pelo mundo desde a morte de George Floyd, cidadão negro sufocado por um policial branco em Minneapolis, nos Estados Unidos.”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/07/manifestantes-derrubam-estatuado-trafficante-de-escravos-edward-colston-em-bristol-na-inglaterra.ghtml>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

político imperialista britânico, era defensor da superioridade branca e do Apartheid. A estátua foi vista como um símbolo de reverência ao passado colonial opressivo da África do Sul. Os protestos conseguiram êxito e a estátua foi retirada da entrada da Universidade, como mostramos nas imagens abaixo.

Figura 2 – #MarchOnRhodes



Figura 3 – Dia da derrubada #MarchOnRhodes



Fonte: Rhodes Must Fall Oxford @RMF\_Oxford. Reprodução/Twitter. 2016.

Movimento Chileno: As “evasiones masivas”, no ano de 2019, em Santiago, começaram por parte do movimento estudantil. Devida a forte repressão contra o movimento secundarista, a resposta foi um aumento significativo nas manifestações contra as desigualdades sociais e o terrorismo de Estado, com mais de um milhão de pessoas ocupando as ruas. Destacamos as intervenções no monumento em homenagem ao militar, comandante do exército chileno, General Baquedano, assassino de milhares de pessoas pertencentes ao Povo Mapuche. A estátua (Figura 4), objeto de atenção e segurança do governo que insiste em sua restauração, virou espaço visivelmente ocupado por lutas sociais, fato observável na imagem.

Figura 4 – Bandeira do povo originário mapuche ao topo de um patrimônio colonial



Fonte: Susana Hidalgo. Reprodução/Instagram. 2019.

Movimento brasileiro: em São Paulo, no ano de 2018, a frase “Olhai por nois” foi escrita em vermelho na fachada do complexo religioso “Pateo do Collegio”, conjunto jesuítico de uma das primeiras construções arquitetônicas da cidade, espaço que serviu para catequização de indígenas. A construção é vista como “marco zero da cidade de São Paulo” e “importante ponto turístico”. A ação, apresentada abaixo, foi entendida pelas autoridades locais como criminosa, vandalismo ao patrimônio cultural e desrespeito a fé cristã.

Figura 5 – Pixo Pátio do Colégio em São Paulo



Fonte: Diário de Pernambuco/Reprodução. 2018.

Ainda falando da situação brasileira: em 2019, o monumento Pantheon Duque de Caxias, pertencente ao Museu Histórico do Exército, no Rio de Janeiro, foi “alvo de depredação”, segundo as autoridades locais. Manifestantes escreveram “80 tiros exército assassino” em vista do homicídio de Evaldo Rosa (homem negro, trabalhador) que estava indo com sua família para um chá de bebê quando teve seu carro alvejado por mais de oitenta tiros da polícia militar. Luciano Macedo (homem negro, catador de materiais recicláveis) também foi baleado e morreu ao tentar ajudar a família.

Figura 6 – Pixo Panteão Militar no Rio de Janeiro





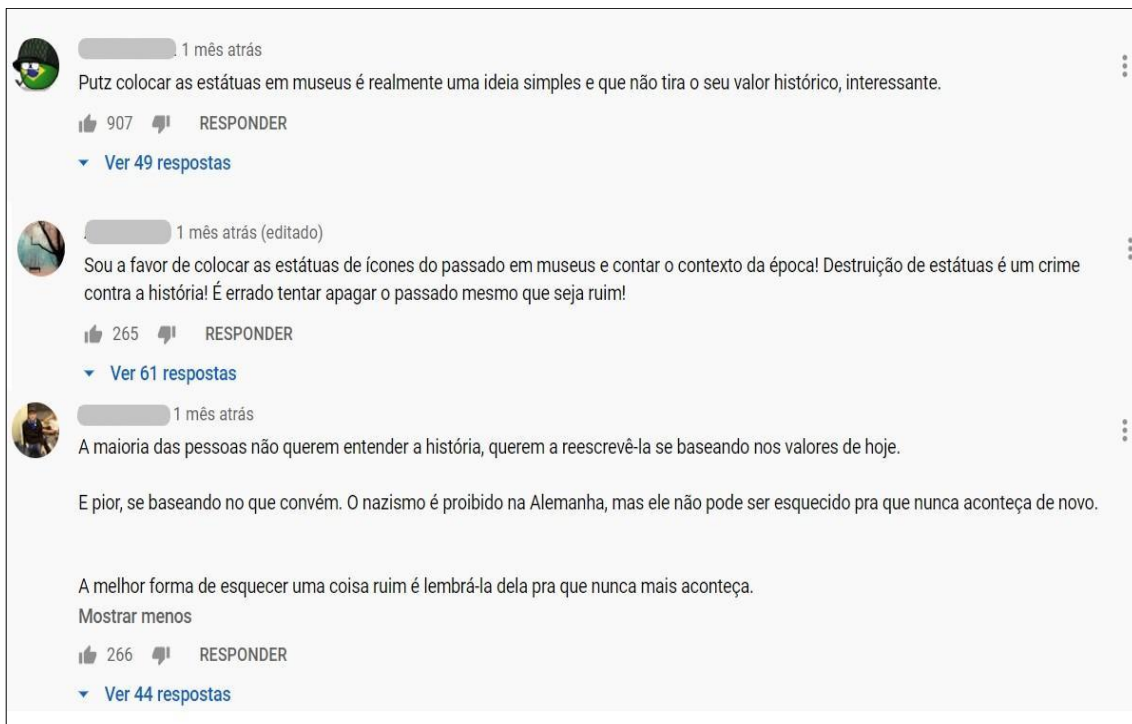
Fonte: Reprodução/Google Imagens.

Tendo em vista o contexto evidenciado de efervescência das discussões em torno do Memoricídio, do Genocídio e dos Patrimônios Coloniais, nas imagens abaixo (Figura 7 e Figura 8) apresentamos alguns comentários feitos no vídeo “Estátuas, Monumentos e suas derrubadas”, produção audiovisual que conta com mais de duzentas mil visualizações, disponibilizado na internet através do canal brasileiro “Nerdologia”<sup>9</sup>, espaço virtual que conta com cerca de três milhões de inscritos. Após a visualização dos comentários, apresentamos a formulação de três critérios gerais para identificar as opiniões mais consolidadas neste debate público.

Figura 7 – Captura da tela de comentários I

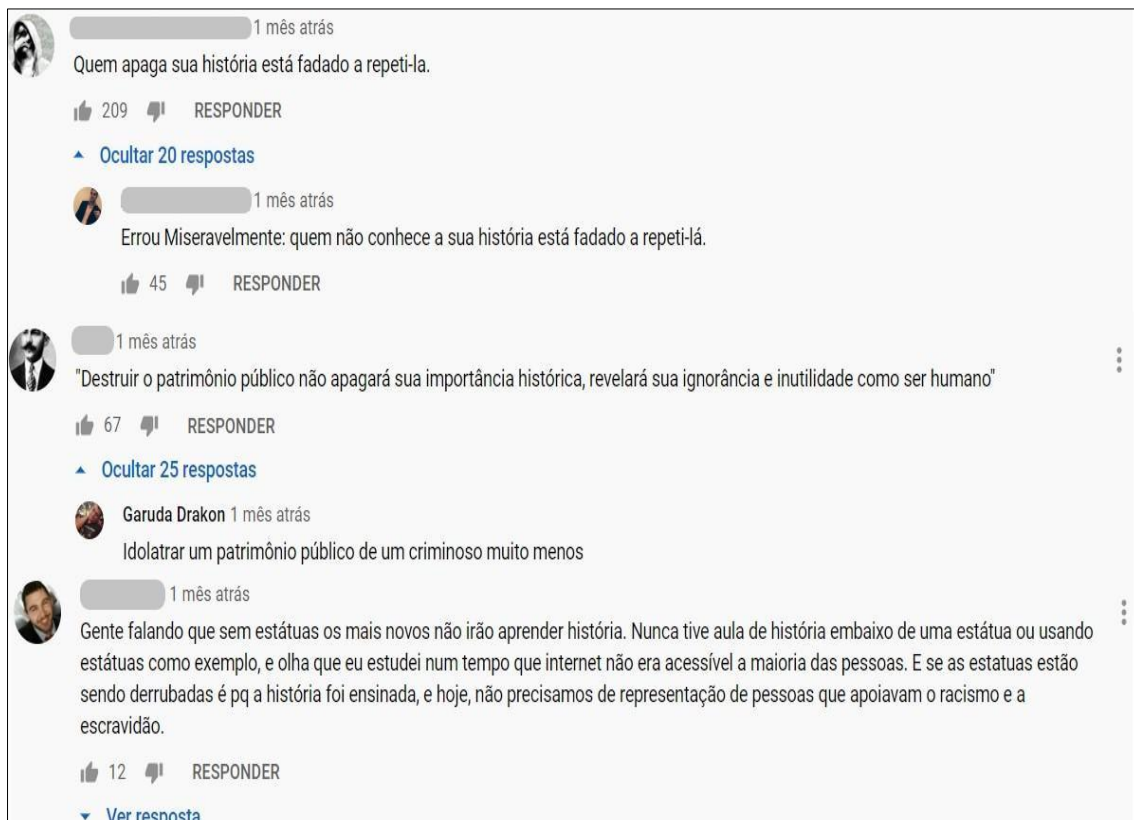
---

<sup>9</sup> FIGUEIREDO, Felipe. Estátuas, monumentos e suas derrubadas | Nerdologia. Youtube, 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0ZPRObTQ02A>>. Acesso em: 31 jul. 2020.



Fonte: Reprodução/Youtube.

Figura 8 – Captura da tela de comentários II



Fonte: Reprodução/Youtube.

De acordo com alguns comentários analisados nas redes sociais, estabelecemos três critérios gerais para caracterizar as opiniões encontradas, a saber:

1. Pessoas que defendem a preservação das imagens e das memórias que estão em discussão, em qualquer espaço público que se encontrem, sem incorporação de críticas. Em sua maioria, são contra alterações de qualquer tipo, alegam que os movimentos sociais comentem o crime de vandalismo ao patrimônio.

2. Pessoas que argumentam em prol da preservação das imagens e da memória, porém de forma contextualizada, em um museu ou em outro ambiente propício para conservação. Geralmente, não concordam com a derrubada, mas aprovam a retirada e readaptação revelando as circunstâncias de tais fatos.

3. Pessoas que acreditam que não há mais espaço para imagens e memória que se apresentam de forma inapropriada, alegam que discursos racistas e coloniais devem ser combatidos e destruídos. Comumente, defendem os protestos e mobilizações para derrocada de símbolos em contradição.

Os fatos comprovam que a discussão está mais viva do que nunca<sup>10</sup>, pois, no dia 24 de julho de 2021, momento de escrita do presente capítulo, o monumento em homenagem ao bandeirante Borba Gato, localizado em São Paulo, foi incendiado por ativistas do coletivo Revolução Periférica. A figura de Borba Gato sempre teve lugar especial na memória dos bandeirantes paulistas, e a sociedade civil, organizada através de lutas sociais em torno da memória, tem há anos questionado criticamente o papel atribuído a esse personagem na história de São Paulo. O Projeto colaborativo Salvador Escravista<sup>11</sup> pontua: “Enquanto o Estado brasileiro continua a ignorar os debates sobre a memória pública de ícones das ideologias supremacistas, colonialistas e escravistas, a sociedade civil se manifesta por ação direta, contestando de diferentes formas as homenagens a esses homens”.

O ato rapidamente espalhou-se pelas redes sociais, sendo noticiado, incentivado e criticado em diversos meios de comunicação e por diferentes grupos sociais. A prisão de

---

<sup>10</sup>Falar de morte, simbólica e concreta, como algo que vive plenamente soa contraditório, justamente porque para haver vida precisamos combater a morte. No entanto, pensar nessas mortes nos faz lembrar das vidas: “nada toma sentido, até que a morte entre na jogada” (LACAN, 1969-70/2007, p. 188).

<sup>11</sup> Projeto Salvador Escravista. Borba Gato. 24 jul. 2021. Instagram: @ssaescravista. Acesso em: 25 jul. 2021.

um militante envolvido, Paulo Galo (trabalhador, pai, líder sindical do movimento Entregadores Antifascistas e que também compõe o coletivo Revolução Periférica), e de sua companheira Gêssica (mulher negra, trabalhadora, mãe), que sequer estava presente no ato e em sua organização, repercutiu nacionalmente. Em entrevista sobre a prisão de Gêssica<sup>12</sup>, o advogado declara: “A única coisa que ela me perguntava era: ‘Doutor, o que eu vou fazer com as crianças? Vão ficar com quem? Quem vai cuidar? Quem vai alimentar? Eu sou pobre, não tenho dinheiro para contratar alguém para cuidar’”. A libertação de Gêssica acontece dias depois, em 30 de julho. Enquanto Paulo Galo teve sua prisão revogada em 10 de agosto, junto com Danilo “Biu”, outro militante negro envolvido e preso nesta ação.

A hashtag #liberdadeparagalo foi compartilhada nas redes sociais por artistas, políticos, educadores e demais pessoas ligadas a movimentos sociais populares, sobretudo coletivos negros. Racismo, dominação de classe e machismo foram questão levantadas na discussão, assim como o debate acerca do encarceramento, partindo da perspectiva que lutar não é crime, contra a criminalização dos movimentos sociais, e que todo preso é um preso político.

Em entrevista publicada pelo jornal El País (OLIVEIRA, 2021)<sup>13</sup>, quando questionados pela imprensa, Galo e Biu declararam que: o ato “no Borba Gato foi para abrir um debate, não para machucar alguém ou causar pânico na sociedade” e que posteriormente o povo poderia decidir se aprova ter uma estátua de treze metros de altura que homenageia um genocida ou não. Complementam com a seguinte frase: “[...] favelado nunca teve uma voz ativa”, desse modo, abrir o debate seria ter voz.

(...) um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado. Por corresponder a uma estrutura, é fundamental destacar que o racismo não está apenas no plano da consciência – a estrutura é intrínseca ao inconsciente. Ele transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e recriar

---

<sup>12</sup> SEGALLA, Vinícius. Gêssica, que emprestou celular a Galo, tem prisão revogada em inquérito sobre fogo em estátua. Brasil de Fato. São Paulo, 30 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/30/gessica-que-emprestou-celular-a-galo-tem-prisao-revogada-em-inquerito-sobre-fogo-em-estatua>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Regiane. Prisão de ativista que queimou Borba Gato provoca debate sobre a memória de São Paulo. EL PAÍS, Brasil, 28 jul. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-29/prisao-de-ativista-que-queimou-borba-gato-provoca-debate-sobre-a-memoria-de-sao-paulo.html>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas. (BERSANI, 2018, p. 193)

Na sequência da entrevista mencionada acima, alguns entregadores/motoboys, que batem ponto nas proximidades da estátua, fizeram algumas declarações sobre o ato político. Elencamos alguns comentários: “Ele não merecia essa estátua, ele matava gente. Estuprava criança indígena”, disse um deles; “Pelo que ouvi falar, era um maldito”, completa outro; “Dizem que não pode sair porque é ponto de referência, mas tem o McDonald’s e a estação de metrô que ainda leva o nome dele. Por mim, pode tirar a estátua daí”, aponta outro; “Nem sabia quem era, nunca estudei sobre ele na escola. Descobri no dia em que tacaram fogo”, comenta um dos rapazes; “Para mim, pode deixar”, afirma o último rapaz entrevistado, ao passo que observa os oito policiais posicionados ao redor do monumento. Na fala destes homens também conseguimos identificar os três critérios gerais de identificação das opiniões quando o assunto é Patrimônio Colonial e o que fazer com eles.

Figura 9 – Estátua Borba Gato incendiada



Fonte: Reprodução/Folha de São Paulo.

Ressaltamos os desafios e tensões ao se debruçar por um assunto em constante atualização. O que não vemos como problema já que indica a emergência de reflexões contínuas e instigantes. Todavia, todas estas movimentações, por mais distintas que se apresentem na atualidade, remontam à uma luta antiga que questiona: se o presente parece o passado, como será o futuro?

Tratando-se de organizações construídas, os movimentos sociais podem perder força, desaparecer ou sofrer gravemente com alguma modificação perante aos meios da Necropolítica. Da mesma maneira que “desapareceram completamente muitas formas de justiça e rebelião popular que prevaleceram no passado, não temos nenhuma garantia de que o movimento social, tal como prevaleceu por dois séculos, continuará para sempre”, como argumenta Charles Tilly (2010, p.152) “os cidadãos que contam com os movimentos sociais para se fazerem ouvidos precisam se preocupar seriamente com o futuro”.

## O PASSADO-PRESENTE DA ALIENAÇÃO COLONIAL

Para compreender o racismo em sua totalidade precisamos questionar sua vinculação com a dimensão econômica e cultural da sociedade, sendo necessário interpelar as estruturas e instituições sociais, antigas e renovadas, responsáveis por manterem as desigualdades que se amparam no racismo em simultâneo com a sua reprodução (FANON, 2008; ALMEIDA, 2019).

A liberdade de ter uma “aptidão autodeterminativa que distingue a pessoa da coisa” não pertence aos colonizados das sociedades dependentes (RAMOS, 1996, p. 48). Tal experiência histórica não se passa nas sociedades coloniais ou semicoloniais, cuja “cultura refletiria sua dependência estrutural face às antigas ou novas metrópoles. Os países periféricos não teriam história própria”, pois não existem para si (LYNCH, 2015, p. 31).

Segundo Guerreiro Ramos os acontecimentos se dão mediante “[...] versões da história dos povos colonizadores, ou material etnográfico destes povos” (1953, p. 11). Deste modo, apresentaremos nesta seção um quadro cronopolítico, ou seja, dados cronológicos de fatos políticos, em sequência, com data, local e acontecimentos ocorridos em protestos e manifestações anticoloniais como resposta à um sistema compulsório.

### Quadro 1 – Cronopolítica dos acontecimentos

2015-2018	
	
Movimento Rhodes deve cair (2015). Cidade do Cabo, África do Sul. Fotografia: Rodger Bosch/AFP/Getty Images.	



Ato no Monumento às Bandeiras (2016). São Paulo, Brasil.

Fotografia: Aloisio Mauricio, Fotoarena, Estadão Conteúdo.



Espetáculo “A dança dos Orixás” em antiga fazenda escravocrata, Rota das Charqueadas (2017). Pelotas, Brasil.

Fotografia: Tadeu Vilani.



Pixo “Olhai por nós” no Pateo do Collegio (2018). São Paulo, Brasil.

Fotografia: Reprodução/Folha de São Paulo.





Bandeira Mapuche ao topo da estátua de general Baquedano (2019). Santiago, Chile.  
Fotografia: Susana Hidalgo.

2020



Estátua de Edward Colston lançada ao rio (2020). Bristol, Inglaterra.  
Fotografia: Ben Birchall/PA via AP.



Monumento de Abraham Lincoln é retirado de parque da cidade (2020). Boston, Estados Unidos da América.  
Fotografia: Reprodução/Internet.



Estátuas de Rei Leopoldo II são alvo de protestos que culminam em suas retiradas (2020). Gante, Bélgica.

Fotografia: Reprodução/ISTOÉ.



Pixo “descoloniza” em estátua de Padre acompanhado de crianças indígenas (2020). Lisboa, Portugal.

Fotografia: Reprodução/Expresso.

2021



Estátua de Borba Gato é incendiada (2021). São Paulo, Brasil.

Fotografia: Gabriel Schlickmann/Mário Rodrigues/Divulgação.



Monumento de Pedro Álvares Cabral, com cartaz “marco temporal é genocídio”, é incendiado (2021). Rio de Janeiro, Brasil.

Fotografia: Reprodução/Brasil de Fato.

Fonte: Elaboração própria.

O movimento Black Lives Matter foi imprescindível para a visibilidade do debate, contudo, o passado e o presente revelam que o tema não se esgota, os atos, protestos, e intervenções acontecem de forma multifacetada nos territórios. O sociólogo Alain Touraine afirma, com a merecida centralidade, que: “os movimentos sociais são o coração, o pulsar, da sociedade”, concordamos. E identificamos, também, as mobilizações como projetos de transformação da realidade, embora nenhum movimento

social tenha sua definição somente pelo conflito. A aspiração em fazer o movimento da própria história é o caráter propulsor de mudança, assim como em Marx e Engels, a luta como motor da história.

Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos quais se observam os ciclos de protestos delineados (GOHN, 1997, p. 251).

Os movimentos se articulam a fim de produzir ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de fazer a população se organizar e expressar suas demandas. Ainda que “os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (MARX, 2011, p. 25). A tradição eurocêntrica de todas as gerações mortas, que é dominante e de origem colonialista, oprime e condiciona como um pesadelo o cérebro dos vivos. Logo, como defende Grada Kilomba, a ferida do presente é a ferida do passado.

A surpresa para os colonialistas e a felicidade para nós é que, quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos. Encontramos relações com a natureza parecidas com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e nos pensamentos. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Pelos nossos modos, a gente se entendeu. (Mestre Nego Bispo)

Todas as questões referentes aos processos de resistência anticolonial só podem ser respondidas se compreendermos que o racismo, enquanto processo político-histórico-econômico é também “um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais” (ALMEIDA, 2019, p. 40). A teoria fanoniana, fortemente empregada neste trabalho, possui potencial crítico e multifacetado para lidar com as armadilhas identitárias, meritocráticas e individualistas que corrompem o legado revolucionário, especialmente na compreensão da alienação colonial.

Em Wallestain, Fanon é apropriado para discutir vários assuntos atuais, mas em um artigo intitulado Ler Fanon no século XXI, destaca-se a ideia de que a atualidade de Fanon está, para além de apontar o caráter intrinsecamente

violento do colonialismo e os impactos dessa violência na subjetividade dos povos colonizados, está no questionamento às lutas identitárias como caminho emancipador quando estas não se dirigem à perspectiva da emancipação humana. A luta de classes é uma realidade que não se restringe ao universo europeu e deve ser observada em suas particularidades históricas, no contexto colonial (FAUSTINO, 2013, p. 217-218).

Desta forma, os movimentos que politizam a cultura situando-a no sistema que se encontra, de forma radical e crítica, atribuem a ela um sentido real e prático que não separa corpo e mente, natureza e cultura, espírito e matéria – reforçando a discussão deste trabalho, de acordo com estas movimentações, Cultura e Economia não são polos antagônicos. Os movimentos anticoloniais ensejam um debate que vai além dos moldes eurocêntricos de uma coisa ou outra.

É digno de nota: “o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para gente é no meio da travessia” (Guimarães Rosa), dito isto, adentremos mais alguns caminhos desta dissertação.

## CAPÍTULO III

### RESISTÊNCIA: CORPO-TERRITÓRIO ANTICOLONIAL

O terceiro capítulo desta dissertação abarca a Resistência sob o viés de que é preciso transformar a realidade e não somente interpretá-la, como bem destacado nos escritos de Marx, “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”<sup>14</sup>. O engajamento de M.I.A que abarca tanto o direito à vida (sem fome, desemprego, brutalidade policial...) quanto o direito de celebração da memória (arte, monumentos, museus...) engloba os dois elementos imprescindíveis de discussão: economia, com foco na materialidade, e cultura, com foco no simbólico.

Neste capítulo nos dedicamos à apresentação, análise e discussão de entrevista com o militante, artista de rua e pixador, MIA – João Luis Prado Simões França (codinome M.I.A, de Massive Illegal Arts) –, homem negro responsável por algumas intervenções e protestos no Pátio do Colégio, Monumento Borba Gato, Monumento às Bandeiras, Museus de Arte, entre outros espaços de prestígio histórico-cultural em São Paulo. Também, relatamos a experiência em campo com nosso interlocutor, durante a Semana da Consciência Negra de 2021 em São Paulo.

Para a realização deste capítulo<sup>15</sup>, através de diferentes metodologias fundamentadas em distintas epistemologias, as técnicas de pesquisa precisaram estar compatíveis com os métodos adotados e com os paradigmas propostos ao longo do trabalho. As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização dos feitos nos estudos e, para a realização do campo empírico, a Entrevista foi a técnica de coleta de informações escolhida para a análise neste trabalho.

Os defensores das metodologias compreensivas argumentam que a intenção deste tipo de pesquisa é articular as várias dimensões da vida social ao mesmo tempo que se recusa a ruptura entre o <sujeito da ciência> e o seu <objeto>, o sujeito real; dito de outra forma, pretendem-se novas reconciliações entre teoria e prática, entre a “ciência do geral” e os “saberes particulares”, entre o indivíduo e a sociedade. Tomando como objeto um sujeito histórico em ação, esta metodologia observa, no mesmo movimento, o sujeito e a sociedade em interação, mas também, e simultaneamente, os fatos e as emoções que os acompanham. (GUERRA, 2006, p.19)

---

<sup>14</sup> Teses Sobre Feuerbach. Traduzido do alemão por Álvaro Pina. Editorial “Avante!” — Edições Progresso Lisboa — Moscovo, 1982.

<sup>15</sup> A saída de campo para a pesquisa presencial em São Paulo só foi possível graças ao apoio financeiro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria que, junto ao setor de finanças da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, auxiliou com os custos de diárias da viagem.

A interação com nosso interlocutor ocorreu na cidade de São Paulo/SP, em novembro de 2021. Através da interlocução, visamos compreender ideais, saberes, motivações, argumentos, ações e histórias que conectam a trajetória de M.I.A a luta antirracista. A entrevista foi o momento de encontro entre duas pessoas para trocas, neste compartilhamento obtivemos “informações a respeito de determinado assunto [...] procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (LAKATOS, 2003, p. 195). Abaixo listamos alguns trechos que serviram de inspiração metodológica para essa construção científica:

**ENTREVISTAS NÃO-DIRETIVAS:** Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações.

**HISTÓRIA DE VIDA:** Coleta as informações da vida pessoal de um ou vários informantes. Pode assumir formas variadas: autobiografia, memorial, crônicas, em que se possa expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos.

**OBSERVAÇÃO:** É todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa. (SEVERINO, 2013, p. 77)

A entrevista, que teve como objetivo o registro de respostas válidas e pertinentes, pode ser considerada um verdadeiro artesanato sociológico, que precisou do aprimoramento do roteiro de questões inúmeras vezes, sensibilidade para estabelecer uma relação de confiança com o interlocutor, principalmente no contato inicial, além de habilidade para a explicação da finalidade da pesquisa, dos objetivos e da relevância da contribuição de M.I.A, uma vez que a História de vida “tenta obter dados relativos à experiência última de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo” (LAKATOS, 2003, p. 223).

A Trajetória de Vida é a dimensão estudada para alcançar todas as condições concretas de existência, estabelecendo a relação com o mundo histórico-social. A utilização dos relatos de MIA, sejam orais ou escritos, na perspectiva da história de vida, são analisados em um campo fértil de possibilidades de captação dos elementos singulares, particulares e coletivos ligados à história de vida e aos condicionamentos sociais.

A análise crítica destes processos sociais [...] conduz à construção da noção de trajetória como série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele mesmo em devir e submetido a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e suficiente em si mesma de eventos sucessivos sem outra ligação que a associação a um “sujeito” cuja constância é apenas aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 1996, p. 189).

## SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 2021, ENTREVISTA COM M.I.A

A entrevista semiestruturada com João Luís Prado Simões França – M.I.A, foi gravada em São Paulo, no mês de novembro de 2021. O artista (nomenclatura que entrelaça arte e política), que possui um perfil nas redes sociais com mais de 45 mil seguidores, concedeu a entrevista em uma Ocupação Artística: o Centro Cultural Ouvidor 63, na Sé, em São Paulo. Nossa conversa foi dividida em três momentos: Identificação inicial, Trajetória pessoal e Trajetória de militância.

Figura 10 – M.I.A segurando mapa de metrô escrito “Negro SP”



Fonte: Reprodução/Instagram.

Primeiro momento – Questões de identificação inicial:

- Qual o seu nome?



- Onde você mora?
- Quantos anos você tem?
- Qual a sua escolaridade?
- Qual a sua ocupação profissional?

João Luis Prado Simões França, codinome M.I.A, inicia o diálogo conosco se apresentando e relatando partes da sua história com base nas perguntas realizadas, afirma que mora no bairro Butantã, em São Paulo. A seguir destacamos alguns trechos transcritos deste início de diálogo:

Moro na zona oeste da cidade, **na periferia**, longe do centro. Tenho 37 anos, sou de 1984, comecei a pixar em 99, tinha 15 anos. Tenho o segundo grau completo, né, que é o colegial que a gente fala, não estudei faculdade não. Hoje em dia **eu vivo só da minha arte**, trabalho, sou artista plástico... é, posso dizer que sou artista plástico, como renda, assim, eu não trabalho como pixador, a pixação pra mim é meu estilo de vida, não posso nem dizer que é um hobby. Meu trabalho na arte agora vai além da pixação em si, é uma representação né, do que eu faço na minha vida paralela, dentro do submundo da pixação. Antes eu trabalhava com comida, desde pequeno, **fui criado pela minha mãe**, ela era confeitaria profissional, então, cresci ali na barra da saia dela e aprendi a fazer tudo, sei fazer tudo de cozinha, de confeitaria. E aí, quando tive minha primeira filha, que eu casei, fui morar com a minha esposa, a ideia que eu tive de trabalhar foi de **vender café da manhã na rua**. Com isso, trabalhando por aí, vendendo pedaço de bolo e copo de café, um dia chegou uma pessoa e quis comprar um bolo inteiro, a partir daí eu tive um despertar de que eu poderia tá comercializando meus bolos inteiros, não só os pedaços. E aí catei todo dinheiro que eu tinha na época, investi, fiz tudo de bolo e comecei a vender bolo, muito bolo, muito bolo... Daí, um dia um amigo me apresentou uma ideia que ele tava criando, que era encher ovos com tinta, e como eu tava trabalhando com confeitaria, eu pude potencializar isso em uma escala gigantesca, assim, tipo, eles tava pensando em tacar 30 ovos e de repente a gente tinha 1000 ovos, tá ligado? E aí espalhamos pela cidade inteira, foi uma parada bem grande. E foi no **Monumento às Bandeiras** quando eu conheci o extintor de incêndio, que é uma outra passagem da minha vida, até então só pixava com spray normal, pixação normal com uma cor só, de preto, as letra reta, pixação típica de São Paulo. (M.I.A, 2021)

Neste primeiro momento, João França – o MIA – se denomina como artista plástico, periférico, ativista negro e natural de São Paulo. É válido ressaltar que as artes

que MIA comercializa são de alto teor político, como ele mesmo afirma “contra o sistema”. Mas, o mundo do trabalho que destacamos primeiro é o que diz respeito a confeitaria e os dotes culinários aprendidos com a sua mãe.

É importante destacar que MIA é um homem negro que foi criado por uma mãe solo. A situação de mulheres negras chefes de família no Brasil é preocupante, uma pesquisa realizada pelo IBGE (2019)<sup>16</sup> sobre as condições de vida da população brasileira, revelou o racismo e o machismo entrelaçados na história de miséria do país: cerca de 63% das casas chefiadas por mulheres negras no Brasil vivem abaixo da linha da pobreza.

Ao longo da conversa com MIA podemos destacar vários aspectos acerca do trabalho informal e precarizado, bem como da questão de gênero no ponto de vista das mulheridades e masculinidades negras. A pixação também é um assunto recorrente em nosso diálogo. O pixo, em São Paulo, configura “uma manifestação estética de parte da população jovem das periferias. Trata-se da grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade que se referem [...] essa pixação possui um formato bastante peculiar: com traços retos e angulosos” (PEREIRA, 2010, p. 146).

Segundo momento – Trajetória pessoal:

A partir das questões: “Como foi a sua infância? [...] gostaria de saber um pouco da tua história... Onde você morava? Me conte alguns aspectos da tua criação. Como foi a experiência sendo uma criança negra, depois um jovem negro, na periferia de São Paulo?”:

Me criei só com a minha mãe, tenho dois irmãos... tive dois, um já faleceu, **morreu com 37 anos**. Tenho uma irmã, que é mais velha, eu sou o caçula. Eles foram meus maiores influenciadores na pixação, meu irmão praticava, era pixador. E a minha irmã era uma grande admiradora, assim, eu cresci absorvendo pixação, não é à toa que eu sou assim até hoje, vivo a pixação, só penso nisso. Eu tinha 13 anos e teve uma festa em São Paulo que foi uma festa super icônica, foi o lançamento da primeira revista dos gêmeos, foi em 97 isso, eu tinha 13 anos e a minha irmã queria muito ir e a minha mãe impôs como condição pra ela ir, que ela só poderia ir se eu fosse junto com ela, ‘você só vai se você levar seu irmãozinho senão você vai aprontar’, mal minha mãe sabia tá ligado?! aí eu fui, era o lançamento de uma revista, eu ganhei uma revista, que era tipo o meu tesouro, tá ligado, eu passava o dia

---

<sup>16</sup> Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

inteiro vendo a mesma revista... dias, anos, vendo a mesma revista, copiando os desenhos, tentando imitar. E aí, tipo, já tinha a cultura de fazer grafite em trem muito forte, aqui no Brasil hoje em dia é mais, mas nas antigas era fraco, daí nessa revista tinha muitos trem pintado. E aí um dia, minha mãe, chamou a atenção dela, aqueles trem, tá ligado: ‘o que que é esses negócios de trem? fazer grafite em trem é legal?’ e eu: ‘é!’, tipo o supassumo né, é o máximo da parada dentro do grafite. E aí ela falou: ‘um segredo nosso’, lá onde ela foi nascida e criada no interior de São Paulo, tipo, o pai dela trabalhava na fábrica da Cargill, que é tipo a fábrica...eu não sei como que fala, usina? que é onde fabrica o óleo, tá ligado?! onde vai a soja, fabrica o óleo... o quintal da casa dela era uma garagem de trem, então, ela falou, meu: ‘eu vou te levar num lugar que você vai poder pintar trem a vontade’, tipo: **‘você não vai ter problema com polícia, com nada’**, eu falei ‘meu, beleza!’ e no dia que a gente ia viajar, ela: ‘arruma suas tinta escondida aí, põe na mochila e vamos’ e aí, chegamos lá, pintamos e aí tem essa foto, mas tipo assim, pra fazer o grafite você precisa de muitas coisas, então acaba saindo caro tá ligado, eu era um moleque, minha mãe não tinha dinheiro pra comprar tinta e eu queria muito fazer meu nome na rua, queria muito desenhar, e aí eu acabei meio que me deslumbrando com a pixação, meu, a pixação foi... não foi q eu me deslumbrei, foi acontecendo, na real, pelo que eu tinha de material em mãos, eu queria muito fazer e não podia fazer colorido, não deixava de fazer, comecei a pixar. E tipo, meu, foi... pixei durante anos, durante 2001, 2002, 2003, 2004, pixei todos os dias da minha vida, assim, respirava pixação. Nunca deu ruim, foi dar ruim depois de velho, foi dar ruim no **Pateo do Collegio**, primeira mer\*\* que deu, me fo\*\*, **fui preso**. Eles não me achavam antes, não sabiam quem era o Mia, o Mia era **um personagem misterioso da cidade**. (M.I.A, 2021)

Neste segundo momento do diálogo com MIA, ele relata a perda do irmão que era pixador e o seu encantamento com o mundo da arte. Ao conhecer o universo do grafite que, segundo MIA, era algo mais “visual” e aceito que a pixação, que era algo mais “perigoso”, houve um estranhamento e depois um direcionamento. A prática do grafite demanda mais recursos financeiros e a falta de acesso aos materiais foi essencial para que MIA se aventurasse na pixação de forma contínua, “conhecendo madrugadas” e o “submundo” da arte de rua.

Em São Paulo, a pixação estabelece uma relação bastante complexa com outra manifestação estética, o grafite. Enquanto em outras cidades do mundo o que aqui se denomina pixação é apenas um estilo dentro do grafite, na capital paulistana ela é vista por uns como o seu oposto – o grafite é entendido como arte enquanto ela é considerada sujeira e poluição visual – e, por outros, como um estágio inferior do grafite, que seria o patamar mais alto dessa forma de expressão. Por conta dessa aversão à pixação, principalmente pelo poder

público e pela imprensa, os grafiteiros conseguiram adquirir até certa notoriedade junto à mídia e à população. Atualmente, muitos deles são contratados para realizar seus trabalhos em portas e fachadas de comércios, escolas e equipamentos públicos como forma de combate e prevenção à pixação. Além daqueles que têm seus trabalhos expostos em importantes galerias de arte da cidade. (PEREIRA, 2010, p. 148)

Neste mesmo instante da entrevista, MIA comenta sobre “problemas com a polícia” e sua detenção. É interessante percebermos a prisão também em sua composição racial: a população carcerária ser majoritariamente negra é reveladora dos verdadeiros interesses da instituição. Angela Davis (2018) abarca a relação entre prisão e colonização, na qual a cadeia é um destino reservado para os indesejáveis socialmente, que são depositados lá. O estereótipo de criminoso, “bandido”, tem alta vinculação com o racismo institucional. O trabalho ideológico que a prisão realiza livra a sociedade da responsabilidade de envolvimento em busca de resolução dos problemas sociais.

Além da privação de liberdade, ser encarcerado significa a negação de uma série de direitos e uma situação de aprofundamento de vulnerabilidades. Tanto o cárcere quanto o pós-encarceramento significam a morte social desses indivíduos negros e negras que, dificilmente, por conta do estigma social, terão restituído o seu status, já maculado pela opressão racial em todos os campos da vida, de cidadania ou possibilidade de alcançá-la. Essa é uma das instituições mais fundamentais no processo de genocídio contra a população negra em curso no país. (BORGES, 2019, p. 21).

Figura 11 – Postagem “Distanciamento social sempre existiu. Bem vindos ao Brasil...”



Fonte: Reprodução/Instagram.

Continuação do segundo momento de entrevista com as questões: “Em que momento a arte chega na sua vida? Como foi o primeiro contato com o seu lado artístico, mas também com o espaço artístico? Que espaço era esse?”:

Então, daí eu fazia essa pixação tradicional com spray e, em 2012, eu conheci a técnica de pixação com extintor de incêndio, que é você catar um extintor de incêndio. Eu vi pessoas começando a fazer e fui atrás, falei: ‘meu me ensina’, a pessoa me ensinou aqui em São Paulo, a pessoa me ensinou com muito custo, depois de eu encher muito o saco, o cara: ‘vai mano, quero ver o que você vai fazer com esse bagulho’, eu falei: ‘meu cê vai ver o que eu vou fazer!’. E daí eu comecei a fazer umas pixações, mas só com o meu nome, tá ligado? e aquilo já tava me incomodando, porque eu achava muito egoísta, tá ligado? eu fazer uma parada daquela potência, tipo, só pra mim? ‘ah eu vou lá e vou escrever mia’, aí todo mundo vai ver, nossa, eu pensei: ‘meu... **eu posso fazer uma parada que vai abranger muito mais pessoas!**’, que vai ter leitura por muito mais pessoas, tipo, eu não vou ser só odiado, vai ter várias pessoas que vão entender, nem vão gostar, mas vão

questionar, vão entender. E aí, tive a ideia de fazer o Monumento as Bandeiras, daí não ia escrever só meu nome, tive a ideia de fazer as cores da África, o verde, o amarelo e o vermelho, em 2016, nesse episódio foi muito fo\*\*, não existia discussão sobre isso ainda... existia, mas era uma coisa bem por debaixo do tapete assim, tá ligado? e essa intervenção foi exatamente pra isso, tá ligado, isso aqui tá errado e a gente tem que discutir sobre isso. Daí foi isso, não me acharam, mas o que não era ainda prefeito na época, de São Paulo, meio que se apropriou da palavra também, no dia seguinte, ele foi até o monumento, ele tava em campanha e foi até o monumento, fez uma vídeo selfie com o bagulho todo pixado e tipo: ‘ó tá vendo isso daqui, **se eu for eleito, isso não vai acontecer mais, cês tem q votar em mim**’ e daí ele ganhou a eleição, tá ligado? o Dória, mano! Ele ganhou a eleição! Na primeira semana que ele assumiu, ele criou a lei cidade limpa, pintou a cidade inteira de cinza, tá ligado? Tipo, mano, tinha corredores de grafite de quilômetros aqui que foram totalmente cobertos de cinza, tá ligado? ele iniciou uma guerra contra a pichação, ele apagou tudo, tudo, tudo! E aí foi quando eu pensei ‘meu a gente tem que pegar esse cara de jeito, a gente tem que dar uma resposta pra ele’. E aí, foi quando deu a ideia de fazer o CCBB, que tava rolando a exposição do Basquiat, só o custo de montagem da exposição foi 10 milhões de reais... **como a gente pode raciocinar uma coisa dessas na cidade com maior índice de desigualdade, tá ligado?** no centro da cidade, a maior concentração disso, moradores de rua, meio que o estágio final do morador da rua, em bairros periféricos tem, mas tipo quando o cara tá no estágio, assim, muito mal, ele vem pra cá, porque tem muitos iguais, então ele se sente mais numa certa comunidade dentro da sociedade. (M.I.A, 2021)

O vídeo, citado por M.I.A, no qual aparece João Dória e Bruno Covas em frente ao Monumento às Bandeiras, está disponível na internet. A mensagem de Dória diz o seguinte: “símbolo da nossa cidade, mais uma vez, é objeto de vandalismo [...] como pode uma cidade permitir o vandalismo e a pichação em seus monumentos? Em propriedades públicas e privadas?”. O recado final emitido por ele é: “Para você que é pichador, para você que é vândalo, isso vai acabar. A guarda civil metropolitana, que hoje só multa as pessoas, vai para a rua defender o patrimônio da cidade, ao lado da polícia civil e da polícia militar. Cada um faz o que quer em São Paulo, comigo não, isso é autoridade! Isso vai acabar!”<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Link do vídeo “João Doria e Bruno Covas mostram o monumento as bandeiras pichado”, disponível em: <https://youtu.be/cBWPmgoeRu4> Acesso em: 22 mar. 2022.

A luta explícita pela cidade, pelo patrimônio e pela memória é exposta em um mini documentário, disponível na internet, sobre a trajetória de MIA. O mesmo foi publicizado pelo canal VISMOART ARTIVISMO<sup>18</sup>, em julho de 2021, com a seguinte descrição “após ter sua arte plagiada, exposta e comercializada pela Faculdade Belas Artes, [MIA] foi até a SP Arte (maior feira de artes da América Latina) e escreveu a palavra NEGRO sobre o quadro e promoveu uma chuva de notas falsas onde se podia ler: república federativa da elite, arte sem valor”. A reivindicação de mudança de um sistema altamente elitista e segregador é a principal mensagem do recurso audiovisual que apresenta os discursos críticos das mídias, das autoridades políticas e da sociedade em geral sobre as intervenções em monumentos históricos e espaços ocupados pela burguesia.

Figura 12 – Theatro Municipal de São Paulo no 20 de novembro de 2021

---

<sup>18</sup> Disponível em: <[https://youtu.be/Qw9eso\\_hlBM](https://youtu.be/Qw9eso_hlBM)> Acesso em: 10 nov. 2021.



Fonte: Elaboração própria. Pesquisa de Campo, 2021.

Terceiro momento – Trajetória de militância:

A arte de rua, principalmente o pixo, corresponde à uma cultura popular marginalizada, criticada e vista por alguns grupos sociais como vandalismo, algo de mau gosto e criminoso. “República Federativa da Elite, arte sem valor”, frase presente no documentário sobre o nosso interlocutor, citado acima, que representa os acontecimentos envolvendo a SP Arte e o plágio e comercialização de uma obra de MIA, por um acadêmico branco, também revela a complexidade dos fatos narrados pelo entrevistado acerca de ser um artista de rua, negro e periférico.



Sendo assim, as questões levantadas sob esta perspectiva, neste terceiro momento de conversa, foram: “Quando começou seu interesse pelo ativismo social e como ocorreu a inserção na militância? Você está envolvido em organizações ou coletivos de movimentos sociais? Quais? Que tipos de ações você realiza? Qual é a história do nome Artes Ilegais Massivas? E os significados? Especialmente para os termos ‘massivas’ e ‘ilegal’”.

Partiu do ‘não vou só botar meu nome porque é uma parada muito egoísta, pensando só em mim’, tenho que fazer algo abrangente, aí veio a ideia do Monumento às Bandeiras, gerou toda a polêmica do Dória se promover, se eleger e criar essa lei. Aí teve a resposta pra ele, tá ligado? De dizer que cidade linda não existia, tanto que, a intervenção no Pateo do Colegio, “Olhai por nós”, ela nasceu com o nome Cidade Linda, que é o nome da lei que ele tinha criado, para mostrar para ele: **‘olha a sua cidade linda aqui, tem 300 pessoas dormindo aqui, passando fome. E você tá preocupado em apagar desenho’**, vamo fazer alguma coisa, mas chegando lá eu pensei, é a primeira igreja do Brasil, né, é onde índios foram catequizados, onde foi rezada a primeira missa, não vou fazer algo só em resposta ao Dória, vai ser algo muito mais universal. Olhai por nós, que nem o nome do nosso Coletivo Nós por nós, nós é a sociedade que se diz normal, **a rua é nós**. O nome Mia veio através de eu me identificar com as massas, massificando, algo grande, ensina as massas, aprende com as massas. Ilegal arte, é tipo, até dois anos atrás, eu mesmo me via como bandido mesmo.

Na Lei Cidade Limpa (Lei nº 14.223, de 26 de setembro de 2006), a qual MIA se refere, o objetivo descrito é: “a ordenação da paisagem urbana do Município de São Paulo, valorizar o ambiente [...] de modo a permitir a melhor percepção dos seus elementos referenciais e a tornar o conjunto mais harmônico e seguro”. De acordo com o Manual Ilustrado de Aplicação da Lei Cidade Limpa e Normas Complementares (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016), a iniciativa se dá em nome do combate à poluição visual e a degradação ambiental que, segundo o documento, prejudica “a qualidade de vida dos paulistanos” nos espaços públicos da cidade.

Em 2014, foi sancionado o novo Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo - PDE (Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014), que apresenta a paisagem da cidade como um bem ambiental e elemento indispensável ao bem-estar e à sensação de conforto individual e social, o que é necessário para a qualidade de vida da população. A partir disso, o PDE estabelece que a Prefeitura deverá elaborar um Plano Municipal de Ordenamento e Proteção da Paisagem que garanta o atendimento ao interesse público das ações públicas e

privadas que interferem na paisagem urbana, assegurando, entre outros, o direito das pessoas à fruição da paisagem, à identificação, leitura e apreensão dos elementos que a constituem e à preservação das características específicas de logradouros, fachadas de edifícios e elementos naturais. Determina ainda algumas diretrizes como, por exemplo, o combate à poluição visual e à degradação ambiental, a proteção, recuperação e valorização do patrimônio cultural, paisagístico e do meio ambiente natural ou construído da cidade, e a ordenação da inserção de anúncios nos espaços públicos, com restrição à publicidade. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016)

A continuação do terceiro momento de entrevista conta com relatos sobre o início das vendas das artes feitas por MIA, bem como a dificuldade de manter o negócio em meio a pandemia. Ele também fala sobre as ações de financiamento coletivo e popular que ajudaram na produção e distribuição de marmitas de comida para a população em situação de rua, especialmente para os frequentadores da cracolândia, no centro de São Paulo. A iniciativa não é bem recebida pelos policiais, pois MIA relata mais um “problema” envolvendo a instituição.

Em 2019, no final de 2019, comecei a comercializar meu trabalho de uma maneira grande. A ideia de abrir uma loja vem porque um parceiro tinha um restaurante no centro de São Paulo e a sobreloja deste restaurante era ociosa, vazia. Ele disponibilizou pra gente, a gente fez uma parceria, alugou pra gente a baixo custo e a gente montou uma loja de vender camiseta, nossos quadros, nossas paradas, aí ficou aberta dezembro, janeiro...em março estourou a pandemia, tivemos que fechar a loja e aí a gente ficou, tipo, ‘fechamo e investimos tudo que a gente tinha nisso’, a gente ficou sem saber o que fazer. E aí, o restaurante com estoque e a gente falo ‘meu o quê que a gente vai fazer com isso?’. O restaurante poderia estar aberto recebendo poucas pessoas, aí eu tive uma ideia: ‘mano, vamo fazer um financiamento coletivo, a galera ajuda a manter o pico, a pagar aluguel, só pra gente manter aberto e conseguir passar pela pandemia e, com o que a gente tem de estoque, a gente faz comida e vamos distribuir para quem tá na rua’. Isso já era uma prática diária, não começou agora. Começamos fazendo 25 por dia, de repente a gente tava fazendo 50 marmitas por dia, todo dia, distribuindo no maior foco de morador de rua, tudo região central, **Theatro Municipal, Cracolândia, Praça da República, pontos principais e históricos de São Paulo**, arredores do nosso comércio. Daí foi rolando e começou a ter uma volta. No primeiro relaxamento da pandemia, é uma rua de ponto de encontro, né, aí encheu de gente, a polícia ficou surtada, foi lá, quis expulsar a galera, batendo mesmo, bateu numa mina, a galera revidou, foi pra cima, mandou os policial embora, mas a gente era o bar dessa rua, tá ligado? Falaram: ‘ó a gente sabe que é vocês que tão causando isso, ou **vocês fecham por bem, ou vamo fechar por mal**’. E aí, a gente tomou a decisão de fechar, tá ligado, aí o parceiro desse

restaurante fechou, pegou as coisas dele e foi embora. E a gente falou: ‘mano, e aí? E agora?’, a gente tava entregando 50 refeições por dia, vamo parar não, vamo continuar, conseguimos usar a cozinha da **ocupação 9 de julho**, fica na avenida 9 de julho, uma ocupação gigante, diferente dessa ocupação que estamos hoje, que é uma ocupação artística. Conseguimos usar a cozinha da ocupação algumas vezes, até que um **terreiro de umbanda** disponibilizou, a gente conseguiu contato e caiu pra dentro, lá a gente fez 100 marmitas por dia, a gente dobrou porque muita gente apoia, doa, foi como a gente conseguiu manter. A parada se mantém porque a gente tem o corre das artes, pelas vendas a gente consegue destinar uma parte pra isso. A gente também consegue fazer várias pessoas conhecer novos artistas de rua, vários artistas são apresentados pra sociedade. (MIA, 2021)

MIA menciona com muito entusiasmo as amizades que surgem na rua, nestes tantos anos de luta, olhar para o lado e ver companheiros e companheiras em sintonia com o ideal de lutar pelo bem que é mais precioso: a vida, de acordo com ele, é saber que de uma forma ou outra está fazendo história. “Enquanto uns dormem, outros fazem história! Tô fazendo a minha história, ao vivo nas ruas!” (MIA, 2021).

Demais perguntas que foram elaboradas: “Lojas de luxo, bancos, monumentos históricos, patrimônios culturais, são os pontos principais de intervenção do M.I.A., certo? Por quê? Você poderia descrever algumas intervenções de impacto em ícones turísticos de São Paulo?”

Eu acredito que o que aconteceu no Brasil, o lance da escravidão, isso não acabou, se perpetuou. Quem que mantém essa parada? Os bancários, donos de grandes empresas, lojas de luxo, é isso, tá ligado? A sensação que eu tenho, que já estive dentro da cracolândia, é que lá é um depósito de lixo humano, as pessoas que não servem pra o lucro da sociedade são simplesmente empurradas pra lá, tipo, ‘aqui que é o lugar de vocês’. Aquilo é completamente interessante pro governo, pra polícia, que exista, ‘deixa eles se matarem’. **É uma escravidão contemporânea**, tá ligado? Esse sistema. Barracos de madeira, Morro da Providência...providência nenhuma! Duas quadras da minha casa tem uma favela gigantesca, que é só barraco de madeira e você vai ver, não é uma galera que vive à deriva, como na cracolândia, sem ter o que comer, é uma galera que trabalha! Tá trampando pelo centro! Sai de madrugada para conseguir chegar no centro, é isso, é o sistema. Meu trabalho é **causar incômodo** em quem faz isso perpetuar, ricos, igreja, lojas de luxo, bancos... (MIA, 2021)

A fala de MIA relembra Fanon (2010, p. 56): “a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico”. O surgimento e a expansão das favelas, segundo Vânia Bambirra (1985), é uma característica marcante das grandes cidades brasileiras. Não são um fenômeno novo, pois suas origens remontam ao fim do século XIX, com os chamados “cortiços negros”, consequência do êxodo rural (impulsionado pela consolidação da propriedade monopólica da terra, o latifúndio, que expulsou para as cidades escravizados libertos pela Abolição) e dos fluxos migratórios estimulados pelos novos trabalhos que o débil processo de industrialização prometia oferecer.

Logo, as favelas: “não devem ser consideradas, portanto, apenas como uma deformação urbanística dos centros industriais, mas como uma característica típica destes, como um resultado necessário de desenvolvimento do modo de produção capitalista” (BAMBIRRA, 1985, p. 241).

Conforme a conversa foi avançando, relembramos os acontecimentos envolvendo a Monumento em homenagem ao Borba Gato. Quando a Estátua de Borba Gato foi queimada, o debate aflorou entre críticas e acordos. Explicamos para o MIA que, nesta pesquisa, geramos três critérios para dividir as opiniões mais encontradas no debate público, retomando:

1 – Pessoas que defendem a preservação das memórias em discussão, em qualquer espaço público que se encontrem, sem incorporação de críticas, sem alterações de qualquer tipo, alegam que os movimentos sociais cometem o crime de vandalismo ao patrimônio.

2 – Pessoas que argumentam em prol da preservação da memória, porém, de forma contextualizada, em um museu ou outro ambiente propício para conservação, não concordam com a derrubada, mas aprovam a retirada e readaptação revelando as circunstâncias de tais fatos.

3 – Pessoas que acreditam que não há mais espaço para memória que se apresenta de forma inapropriada, os discursos racistas e coloniais devem ser combatidos, defendem os protestos e mobilizações para derrocada de símbolos em contradição.

Foi perguntado ao MIA com qual das três opções ele se identifica, tal como solicitamos que se manifestasse acerca dos outros posicionamentos. A resposta que obtivemos foi: “eu me encaixo no item 3, não deveria existir mais. Remete à uma memória muito pesada do nosso passado, absurdo que essa história seja exaltada e defendida” (MIA, 2021).

Momento Final – questões que direcionaram esta parte do diálogo: Quem é/são “nóis”? [Olhai por nóis, Pateo do Colegio; Nós por Nóis, Coletivo]. Você considera que as ações do Governo Bolsonaro influenciam de alguma forma no genocídio da população negra e dos povos indígenas? Qual é a sua avaliação do momento político que estamos vivendo? Você acredita que a arte, na verdade, a cultura em geral, causa algum tipo de transformação na sociedade? Se sim, quais as mudanças que o seu trabalho artístico-intelectual-prático busca? Por fim, quais são as maiores dificuldades encontradas quando você realiza trabalhos e ações junto à comunidade preta e periférica? E quais são os principais avanços/conquistas que você tem percebido nestes anos de luta?

Quando falo de nóis falo dos meus semelhantes. Uma parte muito importante da história é: pixei até 2004, quando tive uma experiência com crack, fiquei cinco anos **viciado em crack**, acabei com a minha vida. Não acabei porque agora tô aqui, de boa, mas foram cinco anos mega viciado, vivi na cracolândia, uma mer\*\*. Assim, consegui me recuperar, 11 anos que eu tô limpo, firmão, mas é fo\*\* tá lá, a experiência mais desumana que alguém pode ter. A cracolândia é um **depósito de lixo da sociedade**, a mesma coisa que eles fazem com objetos, eles fazem com pessoas, você não serve pra mais nada, fica pra morrer, ‘morre aí, que se fo\*\*!’. Você vai lá, tem uma viatura em cada esquina e 500 pessoas usando crack, o governo não quer que isso acabe. Tipo, um dia me deu um estalo, ‘mano, não quero mais essa vida pra mim’, procurei me cuidar, me cuidei, fiquei de boa. E aí, por isso, eu volto, por nóis. Quando eu falo nóis são meus semelhantes, pessoas que eu convivo, não sou mais drogado, mas já fui, já vivi...eu já recebi uma marmita, tá ligado? Eu já tive lá, é fo\*\* pra cara\*\*\*! Eu tenho que falar disso porque hoje em dia meu trabalho se diz totalmente em cima disso, tá ligado? A partir do momento que eu sou artista e ganho dinheiro com a minha arte, que é o pixo, eu tive que arrumar uma maneira de retribuir para os meus semelhantes. **Foi uma parada que veio da rua**, pra mim é importante **reconhecer as pessoas que estão à minha volta e são como eu**.



Fonte: Reprodução/Instagram @vismoart.

As falas de MIA refletem sobre reconhecimento, pertencimento e identidade, ao mesmo tempo que abarcam desrespeito, exclusão e violência, o que nos lembra Beatriz Nascimento (1989) quando diz “a terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou”. A luta por reconhecimento, território e moradia acontece em espaços públicos no qual:

[...] a cidade aparece como produto apropriado diferentemente pelos cidadãos. Essa apropriação se refere às formas mais amplas da vida na cidade; e nesse contexto se coloca a cidade como o palco privilegiado das lutas de classe, pois o motor do processo é determinado pelo conflito decorrente das contradições inerentes às diferentes necessidades e pontos de vista de uma sociedade de classes (CARLOS, 1994, p. 23).

É imprescindível como racismo, machismo e dominação de classe estão explicitamente ancorados nos fatos narrados. O sistema econômico, histórico e cultural que pertencemos é contraditório, permite que as transferências tanto de ordem material como simbólica, sejam vistas nas contradições sociais capitalistas que assolam a classe trabalhadora, a comunidade negra, periférica e indígena. Acerca da conjuntura política, MIA finaliza o debate com a seguinte argumentação:

No meu ponto de vista, parece uma encenação, que a gente tá vendo esse cara, Bolsonaro, fazendo tudo isso e ninguém faz nada. Esculachando tudo, mano, revivendo um passado... Eu sempre gosto de ser **locutor da minha própria história**, o grito dos excluídos. O playboy burguês tem que me aceitar porque tô ali, no visual da cidade, é um **grito de insatisfação**. A minha arte levanta o debate, **ataca o lugar de pessoas poderosas**, de pessoas que mantem o poder da escravidão na mão, pra abrir a discussão, para mais pessoas se impactarem e verem que aquilo tá completamente errado. A gente percebe uma mudança sim, quando eu fiz o monumento às bandeiras a mensagem que eu recebia é que eu devia ser amarrado em praça pública e linchado! Muita coisa avançou, muita gente começa a acreditar, muita gente dá o gás, se insere...muita gente preta, muita gente de periferia, o que é muito importante né, porque o sistema é segregador, exclui. Tipo, Belas Artes, faculdade mais cara...e tem um plágio! E quando a gente para pra pensar nisso, pô, estudou tantos anos e usa o trabalho de alguém? Esse é o seu trabalho? Roubar o dos outros? (MIA, 2021)

O MIA e a Fernanda, que é companheira do João e Produtora Cultural, são responsáveis pela apresentação do podcast Real Corre da Rua. Em 23 de abril de 2022 uma conversa foi compartilhada no canal do programa, o convidado em questão era Galo, paulista, trabalhador, membro do Coletivo Revolução Periférica (descrevemos a participação de Galo na intervenção do Monumento à Borba Gato no capítulo II). Fernanda, Mia e Galo refletem sobre os mecanismos de sobrevivência que nascem na periferia e na esperança que surge através das expressividades artísticas da favela<sup>19</sup>.

Algumas fala do Galo durante a prosa foram: “Eu só vou em lugares que meu ódio pode ir junto também [...] tudo que nós tem pra se defender é o ódio”, “se a gente não se organizar e direcionar o ódio, a gente vira dependente químico, cai numa cadeia, fica

---

<sup>19</sup> Vídeo do Programa: GALO REVOLUÇÃO PERIFÉRICA - REAL CORRE DA RUA. Disponível em: <https://youtu.be/q5CgOmOUJQU>. Acesso em: 22 mai. 2022.

esquizofrênico, engorda... vários venenos”. A consciência de classe e o chamamento ao povo em nome de uma luta por libertação é literal: “Você está em cima da minha paz! O seu paraíso alimenta o meu inferno! A Bélgica só tem dinheiro porque o Congo não tem! Estados Unidos vende tênis barato lá porque aqui custa caro! O país rico só é rico porque tem o país pobre!”

Figura 13 – Vidas Pretas Importam na Avenida Paulista



Fonte: Bruno Santos/Folha de São Paulo.

Junto com outros manifestantes, MIA pintou a frase acima na Avenida Paulista, no centro de São Paulo: “Eu desejo que acabe [o racismo]”, falou o artista visual em entrevista para o G1 Globo/São Paulo<sup>20</sup>, “porque essa violência sempre existiu, a diferença é que agora ela está sendo mostrada pela câmera de celular”. A ação foi motivada pelo assassinato do cidadão negro João Alberto Silveira Freitas, espancado até a morte por seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A pintura foi realizada em frente ao Museu de Arte de São Paulo (MASP).

<sup>20</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2020/11/21/inscricao-vidas-negras-importam-e-pintado-na-avenida-paulista.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2022.



Acerca disto, Silvio Almeida (2019) fornece valiosas contribuições no sentido de conferir centralidade a violência racial que invade instituições, espaços de cultura, em um sistema econômico predatório:

Mesmo que possam ser consideradas perigosas, pois oferecem possibilidades contestadoras de leitura de mundo e da ordem social vigente, as culturas negra ou indígena, por exemplo, não precisam ser eliminadas, desde que seja possível tratá-las como “exóticas”. O exotismo confere valor à cultura, cujas manifestações serão integradas ao sistema na forma de mercadoria.

[...] assim que a superioridade econômica e racial foi estabelecida pela desumanização, o momento posterior da dinâmica do racismo é o do enquadramento do grupo discriminado em uma versão de humanidade que possa ser controlada, na forma do que podemos denominar de um sujeito colonial. Em vez de destruir a cultura, é mais inteligente determinar qual o seu valor e seu significado (ALMEIDA, 2019, p. 46).

Logo, não é apenas extirpando a cultura que o racismo se apresenta, mas “desfigurando-a” para que a desigualdade e a violência apareçam de forma “estilizada”, como “tema de meditação” ou “peça publicitária”, e possam assim ser integradas à normalidade da vida social. (ALMEIDA, 2019, p. 47). Como afirma Mignolo, sobre a superioridade moral da hierarquização racial, “a categorização racial não consiste simplesmente em dizer ‘és negro ou índio, portanto, és inferior’, mas sim dizer ‘não és como eu, portanto, és inferior’” (2007, p. 41-43).

A Colonialidade do Saber nos revela, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, já assinalados pela teoria da dependência e outras, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias. (PORTO-GONÇALVES; LANDER, 2005, p. 3)

O MIA traduz além da cena paulista, a sociedade brasileira que, desde seus primórdios de formação, tem caráter racista. O artista plástico, confeitoiro, pixador, militante, João França, risca a discriminação e colore a vida em ações que reverberam o quão inaudível é a voz das massas que construíram o Brasil: “para alguns, M.I.A. é um vândalo, alguém que deve ser desqualificado, temido, preso e punido. Para outros, ele é um artista militante generoso, expressivo e, sendo contundente, faz da sua formação educacional na cultura do PIXO, seus protestos e denúncias das diversas formas de

violência dessa sociedade desigual” (A7MA ART, 2022). A deformação cultural pode ser explicada, segundo Guerreiro Ramos (1995, p. 113), uma vez que:

Nasceram os países latino-americanos sob o signo da transplantação cultural. Suas instituições não são produto da evolução. Foram para lá transferidas nas suas formas terminais. Em cada nação latino-americana se configura o que, com Spengler, pode ser chamado de pseudomorfose, termo com que se refere aos casos em que uma velha cultura estranha impera sobre um país com tanta força que a cultura jovem, autóctone, não consegue respirar livremente e não logra constituir formas expressivas, puras e peculiares, nem sequer chegar ao pleno desenvolvimento de sua consciência própria.

A prática da pixação e o ato de rabiscar palavras escritas em letras estilizadas nas paredes externas de edificações urbanas sofre perseguições. É enquadrada no Brasil como crime ambiental desde 1998, conforme a Lei 9.605 – de acordo com o artigo 65, modificado em 2011 – que afirma que “Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano (Congresso Nacional 1998) pode incorrer em pena de detenção de três meses a um ano e multa” (PEREIRA, 2020, p. 59).

A brutalidade policial é um aspecto conhecido entre os pichadores, que “relatam muitos casos de agressões verbais e físicas. Quando são flagrados pixando, o mais comum é terem os seus corpos pintados com suas próprias tintas” (PEREIRA, 2010, p. 153).

Entre os pixadores, é muito comum ouvir ou vê-los fazendo homenagens a colegas que já morreram. Os relatos das mortes e as homenagens aos falecidos são constantes em suas narrativas e nas marcas que deixam nos muros. [...] Esses relatos de morte de colegas destacam a importância da memória e ressaltam a necessidade de se lembrar dos companheiros já falecidos. O respeito à memória dos mortos é evidenciado também no modo como a maioria aborda uma prática considerada execrável, a de “atropelar” a inscrição do outro. Atropelar é a forma como denominam o ato de passar por cima da intervenção visual alheia, ou, em outras palavras, de pixar sobre o pixo do outro. (PEREIRA, 2012, p. 59)

A rede de sociabilidade entre as pessoas que praticam o pixo, prática malvista pela elite, se revela como elemento mais importante, pois o reconhecimento gerado entre os seus “semelhantes”, como menciona MIA, é combustível de ânimo para a resistência. A juventude, em sua maioria negra, pobre e moradora de bairros periféricos de São Paulo, por meio da pixação, consegue usufruir e circular por diferentes espaços da cidade, desbravando lugares e estabelecendo novas formas de relações com os patrimônios públicos e culturais.

MIA vivenciou a necropolítica da cracolândia e sobreviveu, hoje redimensiona e articula emoções como ódio, revolta, esperança e fé em suas ações de solidariedade.

Alinhado a isso, é digno ressaltarmos que abrangemos sentimentos baseados em fatos: a fome é um fato, a morte é um fato, a vida é um fato.

A droga conhecida como “crack”, para além do uso problemático e nocivo, carrega conotações de terror social por si só. A premissa do descontrole danoso no uso de drogas ilícitas apresenta um destino de encruzilhada: hospital psiquiátrico, cadeia ou caixão. E, a partir desses caminhos, justificam-se as mais variadas formas de necropolítica. No momento que MIA retoma as experiências na cracolândia, identificamos a importância de analisar a cracolândia paulistana como um território de violência, no qual corpos são atravessados por procedimentos repressivos em nome da higienização de um lugar e eliminação de várias pessoas.

O Estado exerce através de ações truculentas uma chamada Política de Guerra às Drogas que é grande aliada no encarceramento em massa. Como destacado no trecho abaixo, acontecido proveniente do “Projeto Redenção” no ano de 2017:

Objetivava “limpar” a região, amparada por atiradores de elite, centenas de policiais municiados por bombas e balas de borracha, com o auxílio de cavalarias e cães farejadores, e, assim, compôs uma cena cujo traço distintivo foi a completa desproporção de forças entre os combatentes e os combatidos, culminando na prisão de cerca de setecentas pessoas suspeitas de envolvimento com o tráfico de drogas, dispersão dos habitantes do local para outras áreas da cidade e até mesmo na proposição de internação compulsória de usuários de drogas. A operação, seguindo a mesma lógica da antecessora – com a demolição imediata de prédios habitados e fechamento de pensões que, supostamente, serviriam para o comércio de drogas – visava à desapropriação da área sem qualquer possibilidade de negociação. É de se notar que, longe de ser ineficiente, o objetivo da operação foi alcançado em seu propósito: desgarrar pessoas daquele espaço, fazer sumir corpos, barracas, restos, cheiros, cores. O projeto das autoridades públicas se concretizou: a área ficou limpa. (AMARAL; ANDREOLLA, 2020, p. 2173)

Outro projeto importante de ser destacado, com operações policiais na cracolândia, foi o “Nova Luz”. A ação de limpeza da área, que além da demolição de edifícios e quadras inteiras da região central, objetivava a implantação de novos projetos imobiliários, segundo Dória, na época prefeito da capital paulista, atualmente governador do Estado de São Paulo, teve êxito em sua megaoperação: “acabou a Cracolândia, agora é Nova Luz!”. No entanto, a ideia de revitalização da área pela prefeitura de São Paulo foi meramente ilustrativa, já que as ações não previram qualquer tipo de subsídio social para os usuários de drogas ou para a população que sofreu com o intenso processo de remoção das quadras que receberão o projeto.

De acordo com Renato Sérgio Lima, publicado pela Revista Piauí, sobre o valor empregado na criminalização e no combate às drogas<sup>21</sup>:

Os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro gastaram, juntos, ao menos 5,2 bilhões de reais para a aplicação da Lei de Drogas em 2017 – o equivalente a 12% de todas as despesas com segurança pública, justiça criminal e prisões nesses dois estados naquele ano. O valor consta no estudo divulgado pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESEC). A título de comparação, tal quantia seria suficiente para comprar mais de 90 milhões de doses da vacina do Butantan contra a Covid-19 e imunizar 21% da população brasileira.

Figura 14 – Ação Policial na Cracolândia em SP em 2022



Fonte: Reprodução/Folha de São Paulo.

Não queremos dizer que os sociólogos latino-americanos estejam a serviço do atraso de seus países, mas apenas salientar que eles se preocuparam mais com a discussão de teorias, mais ou menos acadêmicas, relegando a um plano secundário problemas sociais que interessam fundamentalmente à vida do povo. (RAMOS, 1995, p. 104)

A fotografia acima retrata mais uma ação policial em maio de 2022. Retornando para os anos anteriores, em entrevista, Dória havia destacado: “A Cracolândia aqui

---

<sup>21</sup> A Guerra às Drogas e o Canto Da Sereia. Combate focado no microvarejo do tráfico e polícias partidarizadas são combustível para ideias autoritárias, de Renato Sérgio de Lima. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/guerra-as-drogas-e-o-canto-da-sereia/>. Acesso em: 24 mai. 2022.

acabou, não vai voltar mais. Nem a Prefeitura permitirá, nem o governo do Estado. Essa área será liberada de qualquer circunstância como essa. A partir de hoje, isso é passado. Vamos colocar câmeras de monitoramento”<sup>22</sup>.

Retomamos os comentários de MIA, sobre o depósito do que é considerado descartável na sociedade [se referindo à cracolândia], quando analisamos a palavra escolhida para nomear a recente operação da polícia militar e da guarda civil metropolitana: Operação Caronte. Caronte, de acordo com a mitologia grega, é um deus que carrega a alma dos mortos para o submundo, não obstante, o significado se complexifica ainda mais, já que Caronte só faz a travessia se receber uma espécie de propina: “Como morre gente todos os dias, a barca de Caronte sempre faz a travessia com lotação total. Nada de burocracia [...] a única formalidade exigida é que as almas tenham uma moeda para remunerar o serviço”<sup>23</sup>.

A escravidão contemporânea que MIA aponta lembra-nos Oliveira Silveira que alega que o treze de maio foi uma traição, pois concedeu uma falsa história livre para o povo negro brasileiro: “liberdade sem asas e fome sem pão”. A liberdade com as asas quebradas, presente na epígrafe desta dissertação, já frisa o Y da encruzilhada: seguir? banzar? voltar? O poeta Oliveira Silveira ainda complementa que o desejo de que as massas negras estejam pedindo, servindo e calando, não é maior que a luta para sobreviver, que faz deste povo aguerrido pertencente de fato desta pátria: “em nós ela está plantada, nela crispamos raízes”<sup>24</sup>.

Em uma pesquisa que se dedica à compreensão de fenômenos sociais da realidade brasileira, seguindo os passos dos intelectuais que vieram antes, Lélia González, Vânia Bambirra, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Guerreiro Ramos, entre tantos e tantas intérpretes do Brasil (já que a gente não tem a pretensão de descobrir, nem inventar, a roda, mas fazê-la seguir girando), é digno ressaltar que revisar as bases do que é considerado conhecimento sociológico no país, segundo Guerreiro Ramos (1954), “é

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/29/doria-diz-que-ordenou-a-policia-e-a-gcm-para-retirarem-barracas-da-nova-cracolandia-na-praca-princesa-isabel.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.

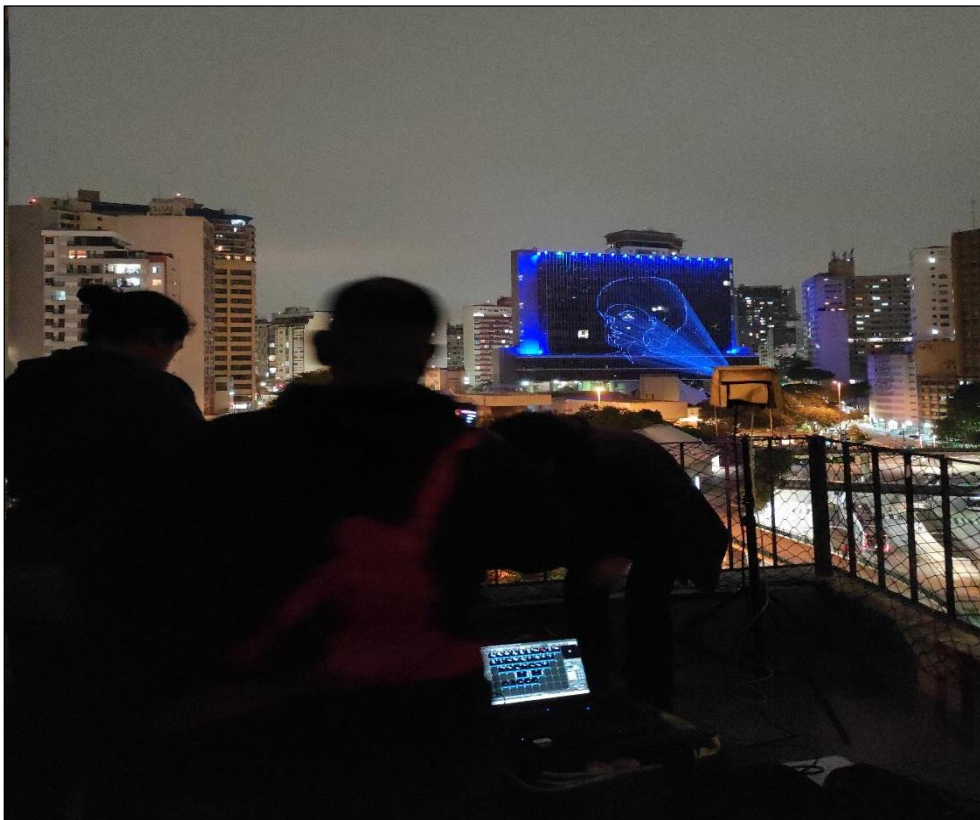
<sup>23</sup> SCALERCIO, Márcio. A greve de Caronte. Edição 70. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/a-greve-de-caronte/>. Acesso em: 23 mai. 2022. E contribuições do programa Noites Gregas, podcast de mitologia grega de Cláudio Moreno e Filipe Speck.

<sup>24</sup> Oliveira Silveira, Treze de maio, Portal da Literatura Afro-brasileira, UFMG. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/11-textos-dos-autores/848-oliveira-silveira-treze-de-maio>. Acesso em: 24 mar. 2022.

tarefa preliminar necessária para a elaboração de uma consciência sociológica, verdadeiramente nacional, da situação do homem de cor brasileiro”.

As últimas imagens, expostas abaixo, foram registradas na noite do dia 20 de novembro de 2021, Dia da Consciência Negra, após a Marcha na Avenida Paulista. Estávamos na Ocupação Artística Ouvidor 63, quando MIA e amigos, também artistas, militantes, pixadores, fizeram a ação. Foi projetado no céu do centro de São Paulo imagens de mulheres negras com cabelo afro, punho negro erguido simbolizando força, a palavra NEGRO, entre outras representações de resistência negra e quilombola, no chamado pixo high-tech ou technopixo. Intervenções de luz e laser, que segundo MIA une arte de rua e tecnologia: “elevam o nível da arte de rua, o raio laser nas fachadas de lugares que merecem serem vistos por outros olhos, os olhos da realidade” [...] “intervenção sem danificar o patrimônio feita para chamar a atenção da sociedade da crise humanitária que vivemos” (MIA, 2021)

Figura 15 – Ato no centro de São Paulo com pixo high tech



Fonte: Elaboração própria. Pesquisa de Campo, 2021.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu. (Frantz Fanon)

O momento de conclusão que chegamos não permite o fim das reflexões, por isso, tomamos estas considerações finais como partes imprescindíveis de um trabalho cujas questões se complexificaram no decorrer de sua produção. Nesta seção de síntese da fase acadêmica que se encerra, para dar lugar às demais que se iniciam, traçamos o rumo final desta dissertação como uma apresentação geral das ideias que construíram esta pesquisa.

Enquanto não houver libertação do povo, como diz Frantz Fanon, haverá sonhos com isto: “sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos. Sonho que salto, que nado, que corro, que pulo. Sonho que rio às gargalhadas. Durante a colonização, o colonizado não deixa de se libertar entre as nove da noite e as seis da manhã”.

O MIA, protagonista desta dissertação, em suas ações descritas ao longo do trabalho, bem como nas comunicações orais, contribuiu para a compreensão e explicação da desafiante realidade brasileira, realidade fundamentada nos processos históricos da sociedade e voltada para as raízes das opressões. Motivado politicamente, evidenciou que biografia/ação e trabalho intelectual/ideias são elementos imprescindíveis ao conhecimento sociológico, principalmente para aquele que se pretende uma ciência social brasileira. Sociologia sem práxis é nonsense, já dizia Guerreiro Ramos.



Escrevemos esta dissertação utilizando a terceira pessoa do plural, justamente por se tratar de um trabalho que se fez pelo coletivo. Peço licença aos leitores e leitoras, pois preciso afirmar que eu, Nuncia, autora principal destes escritos, mulher feminista negra, oriunda de uma família pobre e trabalhadora do interior do Rio Grande do Sul, finalizo esta etapa da vida acadêmica com muita alegria.

“Na minha volta, uma brancura que queima”, declara Fanon. Olhar para trás e lembrar da graduação concluída, Licenciatura em Ciências Sociais, com todas as barreiras ultrapassadas no caminho, em uma trajetória que teve apoio, teve ajuda, mas também foi sofrida e solitária por diversas vezes, visto que a inserção de pessoas periféricas na Universidade é um processo árduo... Me faz celebrar com mais entusiasmo esta conquista. Se perceber como intelectual, como pesquisadora, como educadora, em um espaço privilegiado do saber, que é denegado historicamente para pessoas negras em geral e para mulheres negras em particular, demanda muita força, ânimo e persistência. Vida longa à assistência estudantil socioeconômica e às ações afirmativas de cotas raciais que auxiliam no combate desse rebaixamento moral e econômico.

Nesta dissertação indagamos à fundo as estruturas sociais de desigualdade do Colonialismo, do Capitalismo e do Racismo Estrutural tal como se manifestam na realidade do Brasil, a partir da discussão do Memorícidio, com foco nos Patrimônios Culturais Coloniais, e do Genocídio, com foco na Necropolítica, avaliando os desdobramentos que desembocam da Resistência.

A partir da travessia proposta do “colonialismo que passa, colonialidade que fica”, o primeiro debate levantando foi sobre cultura. Por meio dos Estudos Culturais focamos nos símbolos, representações e discursos, colocando em evidência a racialização, a alienação colonial e o imaginário eurocêntrico. O autor que une todo o trabalho é Frantz Fanon, por isso ele reaparece constantemente, tanto para a elaboração dos aspectos subjetivos e existenciais, como também para os concretos e materiais.

Na sequência, a memória é objeto de discussão, do ponto de vista do apagamento e esquecimento, utilizamos a categoria Memorícidio para designar o assassinato sistemático de memórias coletivas subalternas. Ao mesmo tempo que estabelecemos a memória como palco amplo de disputas, a politização das memórias sociais é uma ferramenta que aparece como essencial aos movimentos de resistência anticoloniais para combater as heranças do colonialismo. A conscientização sobre o passado-presente é um reconhecimento às atrocidades históricas da barbárie colonial e a assimilação de uma nova visão crítica e radical, sobre si e seu território, é desalienadora.

Depois que debatemos a morte da memória, chegamos à morte do corpo propriamente dita. A seção sobre Genocídio, abarca a Necropolítica e o Necrocapitalismo em termos práticos, busca evidenciar as violências racistas de exploração, intimidação e tortura que culminam no Genocídio da População Negra e dos Povos Indígenas, para, enfim, chegar em outro percurso teórico importante da construção deste pensamento: a questão econômica.

Sistema-Mundo Colonial é o título que finaliza o capítulo teórico. Nesta parte do texto, utilizamos a Teoria Marxista da Dependência e a Teoria do Sistema-Mundo para entender as contradições do capitalismo, sobretudo em seu contexto de dependência e superexploração, como é o caso da América Latina. Além da particularidade da luta de classes em território colonizado, evidenciamos as opressões estruturais de Classe, Racismo e Machismo que auxiliam no subdesenvolvimento através da Divisão Racial e Internacional do Trabalho.

Se na primeira parte do percurso teórico as ideias partem de Fanon, especialmente, em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, na outra parte, o aspecto central se dá nas suas contribuições em *Os Condenados da Terra*. Já que o propósito era demonstrar que nada é rigorosamente cultural nem estritamente econômico, e que a colonialidade está na encruzilhada, consideramos que Frantz Fanon foi um autor que possibilitou a união de perspectivas e a defesa dos aspectos que interligam Memoricídio e Necropolítica, uma vez que a cultura não é independente do sistema econômico que pertence e vice-versa. No entanto, é nos capítulos seguintes, no âmbito da empiria, que isto é posto à prova.

O capítulo II começa com a contextualização do Movimento Black Lives Matter e explica como o assassinato de um homem negro por um policial branco, nos Estados Unidos da América, reverbera, em meio uma pandemia mortal, uma discussão mundial sobre a naturalização e banalização do genocídio, bem como, uma revolta internacional contra os símbolos coloniais e racistas presentes em monumentos, museus e patrimônios culturais eurocêntricos em geral.

Nesta perspectiva, destacamos a geopolítica no sentido de uma hierarquização do norte global sobre o sul global. Apresentamos alguns acontecimentos fora do eixo estadunidense e europeu e elaboramos três critérios gerais para dividir as opiniões sobre o debate público: “O que fazer com as estátuas?”. Na mesma medida, relatamos o ato que acontece simultaneamente com a escrita deste capítulo, em São Paulo, movimentos sociais incendeiam a Estátua de Borba Gato, gerando a prisão de militantes envolvidos na ação e novos tensionamentos no debate sobre o racismo.

No seguimento desta discussão, a seção O Passado-Presente da Alienação Colonial exibe um quadro cronopolítico de acontecimentos em protestos, atos e manifestações em torno da morte (simbólica e/ou física) em diversas cidades do Sul Global: Cidade do Cabo (África do Sul), Santiago (Chile), São Paulo, Rio de Janeiro e Pelotas (Brasil). E acontecimentos em cidades do Norte Global: Bristol (Inglaterra), Boston (Estados Unidos da América), Gante (Bélgica) e Lisboa (Portugal).

O segundo capítulo salienta a importância dos movimentos sociais para transformações da realidade e denomina a luta como motor da história, o caráter propulsor da mudança está em fazer o movimento da própria história, essas mobilizações e ações coletivas são imprescindíveis à resistência anticolonial. Desta forma, o potencial crítico e revolucionário, tanto dos ideais quanto das práticas destes movimentos, é visto com muita atenção para o entendimento da alienação colonial, esta que é ferida do passado, mas incomoda no presente.

O terceiro capítulo desta dissertação apresenta o MIA, interlocutor principal deste trabalho. MIA é um homem negro, trabalhador, periférico, artista de rua, militante do movimento negro, pai e pixador. Destacamos pontos que foram essenciais e ultrapassaram sentidos durante as reflexões, mas temos a ciência que a amplitude da sua existência e da sua trajetória vai muito além da mera descrição em palavras organizadas de um texto acadêmico.

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escalpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida. O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (RAMOS, 1955, p. 215).

Os fatos narrados por MIA, acerca da sua biografia, são permeados por engajamento de uma luta por vida digna, seja no sentido do combate às opressões da brutalidade policial, da fome e de estar vivenciando a crueldade das ruas, seja no sentido de interpelar espaços culturais hegemônicos e majoritariamente brancos que provocam o preterimento de grupos marginalizados.

Artes Ilegais Massivas presentes em espaços de prestígio de uma elite brasileira causam incômodo, as declarações de MIA evidenciam isto. Se antes ele era “um

personagem misterioso da cidade” e procurado pela polícia e por autoridades políticas, hoje MIA possui o reconhecimento de seu trabalho como artista e ativista, embora isto não afaste os estereótipos racistas (“bandido”, “criminoso”, “vândalo”) que constroem o homem negro a partir dos valores de uma masculinidade hegemônica transpassada pela colonialidade.

A ideia de promover um debate que abranja muitas pessoas deixa explícito a luta pelo direito à cidade, pelo direito à uma memória social digna, pelo direito de viver uma boa vida. Ser contra o sistema, de acordo com os relatos de MIA, é questionar e combater o estado atual das coisas. Humilhar, segregar e matar, táticas empregadas na política de morte, não pode ser visto com passividade. A reação é urgente e demanda organização, como é o caso dos financiamentos coletivos, arrecadação e distribuição de alimentos, comercialização de obras artísticas e produção de intervenções e atos em estátuas, monumentos e museus.

MIA foi responsável por várias ações de cunho antirracista em espaços culturais, como também de solidariedade de classe com pessoas em vulnerabilidade. Ao mesmo tempo que vivenciou a crueldade da cracolândia, conseguiu sobreviver e retornar para ajudar seus semelhantes, como o próprio salienta.

Por isso, destacamos que Memoricídio, Genocídio e Resistência correspondem à encruzilhada na qual a trajetória de MIA está localizada. O debate que ele levanta, seja nas intervenções artísticas, seja nas práticas do âmbito material-concreto, está presente nas mobilizações de coletivos e organizações, sobre a desigualdade, está presente na discussão conjuntural das ações do Estado como uma política de morte, sobre a violência, como no trabalho feito com a arte de rua em instituições culturais, sobre o racismo. A semelhança evidente dos aspectos de opressões está enraizada no Brasil Colônia.

O grito de insatisfação que parte da voz dos excluídos, de acordo com MIA, é um exemplo fundamental da importância da tomada de consciência, que por si só não basta. Como já escrito: pensamento anticolonial somente, não produz um mundo anticolonial. Necessita articulação, é preciso agir. Conhecimento e ação devem corresponder-se reciprocamente.

Marx diz que uma ideia se torna uma força material quando ganha as massas organizadas, desta forma, MIA e Galo fazem parte do que chamamos, na tradição marxiana, de uma Ciência Imortal do Proletariado. E já que os trabalhadores não têm nada a perder, a não ser suas correntes (Karl Marx e Friedrich Engels), declaro que: escrever

esta dissertação sobre a realidade brasileira, em nome das ciências sociais, sustentou a garantia de que a emancipação do Brasil será obra dos próprios brasileiros.

Assim como Guimarães Rosa, consideramos que as pessoas nascem para aprender: “aprender tanto quanto a vida lhe permita”. Como encaminhamento final, só me restam reflexões para posteridade... Portanto, concluimos esta dissertação tal como Guerreiro Ramos (1995), sabendo que diante de nós, o horizonte é largo. O aprendizado é ininterrupto. Seguimos.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALZUGARAY, Paula. Arte e Política – MANIFESTO. **Select**. v. 11, n. 53, mar, 2022.
- AMARAL, Augusto Jobim do. ANDREOLLA, Andrey Henrique. Drogas, urbanismo militar e gentrificação: o caso da “Cracolândia” paulistana. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, V.11, N. 4, 2020, p. 2162-2187.
- BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BALIBAR, Etienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, Nação e Classe**: as identidades ambíguas. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BAMBIRRA, Vânia. **O capitalismo dependente latino-americano**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2013.
- BAMBIRRA, Vânia. Favelas e movimentos de favelados no estado do Rio de Janeiro. **Política e Administração**. v1, n. 2, 1985, p. 241-253.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Memórias da amnésia**: políticas do esquecimento. São Paulo: Edições Sesc, 2019.
- BENTO, Maria A. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. 169p. Tese (Instituto de Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, v. 11, n.2, 2018, p. 175-196.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BORDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.
- BORGHI, Juliana M. Netativismo no século XXI: O Fortalecimento dos Movimentos Sociais na hashtag Black Lives Matter. In: IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais, 2020, São Leopoldo. **Anais de Artigos IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais**, 2020. v. 01. p. 01-20.
- BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.
- BUENO, Winnie. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “Organização à Produção do Espaço”. In: **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, p. 30 – 38, 1994.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução Anísio G. Homem. Blumenau, SC: Letras Contemporâneas, 2010.
- COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos** – teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- CORDEIRO, Rosa C.; OLIVEIRA, Washington de; VICENTINI, Fernando. (Org.). **Saúde da população negra e indígena**. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020.
- DE GENOVA, Nicholas. The “Migrant Crisis” as Racial Crisis: Do Black Lives Matter in Europe? **Ethnic and Racial Studies**, n. 41/10, 2018, p. 1765-1782.
- DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** 1a ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2018.
- DU BOIS, W.E.B. **As almas do povo negro**. Tradução e notas José Luiz Pereira da Costa. [S.l.: s.n.], [2004?].
- DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1978.
- ESCOBAR, Nuncia Gabriele Guimarães. Análise de discurso e relações de poder: **a Rota das Charqueadas em Pelotas/RS e o peso colonial**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: SANCHES, M. R. (Org.). **Malhas que os Impérios tecem**: Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Portugal: Lugar da história. 2011.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. Sartre, Fanon e a Dialética da Negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. **EntreLetras** (Online), v. 11, p. 74-101, 2020.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. “Por que Fanon? Por que agora?”: **Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2013. **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina**, 2013, p. 216-232.
- FIGUEIREDO, Felipe. Estátuas, monumentos e suas derrubadas | **Nerdologia**. Youtube, 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0ZPRObTQ02A>>. Acesso em: 31 jul. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2008.



- FRANK, Andre Gunder. Unequal accumulation: intermediate, semi-peripheral, and sub-imperialist economies. **Review**, II, 3, Winter 1979, p.281-350.
- FRANK, Andre Gunder. A agricultura brasileira: capitalismo e mito do feudalismo. In: STEDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária no Brasil**. O debate na esquerda: 1960-1980. São Paulo, Expressão Popular, 2005.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.
- GALEANO, Eduardo. Os ninguéns. Em: **O livro dos abraços**. L&PM: Porto Alegre, 2002.
- GARZA, Alicia. Black Lives Matter. [Entrevista disponibilizada em 8 de julho de 2020, a Internet]. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com/history/article/alicia-garza-co-founded-black-lives-matter-why-future-hopeful>>. Entrevista concedida a Rachel Hartigan, **National Geographic**. Acesso em: 10 jul. 2021.
- GEIA, Lynore et al. A unified call to action from Australian nursing and midwifery leaders: ensuring that Black lives matter, **Contemporary Nurse**, n. 56/4, 2020, p. 297-308.
- GILROY, Paul. **The Black Atlantic and the Politics of Authenticity**. Borders/Diasporas Conference: University of California at Santa Cruz, 1992.
- GILROY, Paul. **Against Race: Imagining Political Culture Beyond the Color Line**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- GILROY, Paul. **Entre Campos**. Nações, Cultura e o Fascínio da “raça”. São Paulo: Annablume, 2007.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro – Modernidade e Dupla Consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.
- GILROY, Paul. **Darker than Blue – On the Moral Economies of Black Atlantic Culture**. Cambridge: Harvard University Express, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- GONZAGA, Gabriel. **A Imaginação Histórica de Paul Gilroy: Formas narrativas e performances textuais de uma tradição diaspórica**. 2020. 163 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- GROSFUGUEL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

GUIMARÃES ESCOBAR, Nuncia Gabriele. SELISTER GOMES, Mariana. Vidas negras importam! Mas por que precisamos afirmar o óbvio? **Sul 21**, Porto Alegre, RS, 04 jun. 2020. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniao/2020/06/vidas-negras-importam-mas-por-que-precisamos-afirmar-o-obvio-por-nuncia-guimaraes-escobar-e-mariana-selister-gomes/>. Acesso em: 7 jul. 2021.

GUIMARÃES ESCOBAR, Nuncia Gabriele; SELISTER GOMES, Mariana. Colonialismo que passa, Colonialidade que fica: Lutas Anticoloniais Brasileiras em torno da Memória. **África e Africanidades**, v. 14, ed. 38, p. 146-154, 2021.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**. Sentido e formas de uso. Cascais: Principia Editora, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies**. New York: Routledge, 1980.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representation and Cultural Signifying Practices**. New York: Sage Publications, 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, jan. 2009.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA. **Para uma política nacional de desenvolvimento**. In: SCHWARTZMAN, Simon. O pensamento nacionalista e os Cadernos de Nosso Tempo. Brasília: Editora da UnB, 1979. p. 171-273.

KILOMBA, Grada. A máscara. In: **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KENNEDY-MACFOY, Madeleine; Dubravka, ZARKOV. Black Lives Matter in Europe—EJWS special open forum: Introduction. **European Journal of Women's Studies**, 2020.

KUTTNER, P. Black Symbols Matter. **Cultural Organizing**. Ago. 2015.

KRUMAH, Kwane. **Neocolonialismo: último Estágio do Imperialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LACAN, Jacques. O seminário - livro 17: **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-70), 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

- LANDER, Edgardo. Marxismo, eurocentrismo y colonialismo. In: BORON, Atilio; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Comp.). **La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2006.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953-1955). **Caderno CRH**, 28, 73, 2015, p. 27-45.
- LOSURDO, Domenico. Como nasceu e como morreu o “marxismo ocidental”. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, p. 213-242. 2011.
- LOWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 15, p. 15-38. 2000.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. In: TRASPADINI, R; STÈDILE J.P. (Org.) Ruy Mauro Marini: Vida e Obra. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- MATA, Inocência. **A pertinência de se ler Fanon hoje**. Lisboa: Letra Livre, 2015.
- MATO, Daniel. Estudios y otras prácticas latino-americanas en cultura y poder. In: MATO, Daniel (Ed.). **Estudios y otras prácticas latinoamericanas en cultura y poder**. Caracas: Clacso, p. 21-43. 2002.
- MATO, Daniel. Stuart Hall, a partir da e na América Latina. **MATRIZES**. São Paulo, v. 9, n. 2, p.47-65, jul./dez. 2015.
- MARX, Karl. **O Capital** – crítica da economia política. Tradução Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura**. Textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, Karl. **O 18º Brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital: Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica, una revisión crítica**. In: GREGOR, Helena Chávez Mac (Org.). **Estética y violencia: Necropolítica, militarización y vidas lloradas**. México: UNAMMUAC, 2012.
- MBEMBE, Achille. **A Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: Colonialidade**, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2003.
- MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

- MILLS, Wright C. **A Imaginação Sociológica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MIRANDA, Gabriel. Necropolítica Bacurau. **Instituto Humanitas Unisinos On-line**, 2019. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/592701-necropolitica-bacurau>>. Acesso em: 10/03/2022.
- MISSIATTO, Leandro Fonseca. Memoricide das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. **Memória em Rede**, v. 13, p. 252-273, 2021.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, v. 9, n. 17, jan/jun. 2007, p. 240-264.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois/Anita Garibaldi, 2014.
- MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África**. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Mangualde, Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 1. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Documentário ORÍ**. Direção: Raquel Gerber. São Paulo, 1989.
- NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do Método de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NOGUERA, Renato. Dos condenados da terra à necropolítica: diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe. **Revista Latino Americana do Colégio Internacional de Filosofia**, n. 3, 2016.
- OLIVEIRA, Regiane. Prisão de ativista que queimou Borba Gato provoca debate sobre a memória de São Paulo. **EL PAÍS**, Brasil, 28 jul. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-29/prisao-de-ativista-que-queimou-borba-gato-provoca-debate-sobre-a-memoria-de-sao-paulo.html>>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- OXFAM. **Uma economia para os 99%**. 2017. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/publicacoes/uma-economia-para-os-99>>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da Cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova: Cultura e Política**, São Paulo, v. 79, p. 143-162, 2010.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação. **Cadernos de Arte e Antropologia**, n. 2, 2012, p. 55-69.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Marcas de vida na paisagem de São Paulo: a pixação como epitáfio de uma cidade vandalizada. **Revista de Estudos Sociais**, v. 72, 2020, p. 58-69.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTO-GONÇALVES, Carlos; LANDER, Eduardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Manual Ilustrado de Aplicação da Lei Cidade Limpa e normas complementares.** Lei nº 14.223, de 26 de setembro de 2006. Decreto nº 47.950, de 5 de dezembro de 2006. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. 2016.

PROJETO SALVADOR ESCRAVISTA. **Borba Gato.** 24 jul. 2021. Instagram: @ssaescravista. Acesso em: 25 jul. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e a classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 32-84.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora da URFJ, 1995.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A redução sociológica.** 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **O processo da sociologia brasileira.** Rio de Janeiro. 1953.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. **Cadernos do Nosso Tempo**, 2, jan./jun. 1954.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Patologia social do branco brasileiro.** Jornal do Comércio, jan. 1955.

RAMPINELLI, Waldir. A história da destruição cultural da América Latina. Lutas Sociais, São Paulo, v. 17, n. 30, p. 139-142, jan./jun. 2013. Resenha de: BÁEZ, F. **A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

RESTREPO, Eduardo. Sobre os Estudos Culturais na América Latina. **Educação.** Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 21-31, jan./abr. 2015.

RESTREPO, Eduardo e ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos.** Popayán: Editorial Universidad de Cauca, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o Esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp. Tradução: Alain François et al., 2007.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SAID, Edward. **Freud e os não europeus.** São Paulo: Boitempo, 2004.

SANTOS, Boaventura. **Pela Mão de Alice: o social e a política na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS, Boaventura. Descolonização cognitiva: uma introdução. In: **O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Santos, Ewerton. Raza, violencia y relaciones internacionales: el impacto transnacional del movimiento black lives matter (2013-2016). **Estudios de la Paz y el Conflicto**, Revista Latinoamericana, v. 3, n. 5, 2022, p. 184-200.

SANTOS, Theotonio dos. **Ruy Mauro Marini: um pensador latino-americano**. In: SADER, Emir, SANTOS, Theotonio dos (coords.); MARTINS, Carlos Eduardo, SOTELO VALENCIA, Adrián (orgs.). Rio de Janeiro, Ed. PUC-RIO; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

SANTOS, Teotônio dos. **A Teoria da Dependência: balanço e perspectivas**. Cresalco-Unesco: Caracas, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre Quatro Paredes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SEGALLA, Vinícius. Gêssica, que emprestou celular a Galo, tem prisão revogada em inquérito sobre fogo em estátua. **Brasil de Fato**. São Paulo, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/30/gessica-que-emprestou-celular-a-galo-tem-prisao-revogada-em-inquerito-sobre-fogo-em-estatua>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino. Marx e o estudo da questão racial: elementos para uma análise desde a América Latina. **Fim do Mundo**, v. 1, n° 4, p. 20-41, jan./abr. 2021.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino. Racismo e luta de classes: contribuição para a análise da realidade latinoamericana. **Anais do 8º Encontro Internacional de Política Social 15º Encontro Nacional de Política Social**, 2020, Vitória/ES. “Questão social, violência e segurança pública: desafios e perspectivas”. Vitória/ES: Periódicos UFES, 2020. v. 1. p. 1-14.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino. **Terra, Trabalho e Racismo: Veias Abertas de Uma Análise Histórico-Estrutural no Brasil**. 2018. 265 p. Tese (doutorado em Programa de Pós-Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VASCONCELOS, Ivar César O. **Estudo de caso múltiplos: a vivência de uma pesquisa educacional**. In: Wellington Ferreira de Jesus; Célio da Cunha. (Orgs.). A pesquisa em educação no Brasil. 1. ed. Brasília: Liber Livro, 2016.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century**. Academic Press, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel. Ciência social e sociedade contemporânea. As garantias evanescentes de racionalidade, In: **Como concebemos o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Revan, p. 174-175, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.